JORNAL UNIVERSITÁRIO

Nº 7 — RECIFE — MARÇO — 1972 — ANO IV

No auditório da Faculdade de Direito, foi realizada a Assembléia Universitária, durante a qual o Reitor, Professor Marcionilo Lins, apresentou o relatório das atividades de 1971 da Universidade Federal de Pernambuco. O ato representou também a abertura oficial do ano letivo de 1972.

Na oportunidade, o Professor Ricardo Ferreira pronunciou uma palestra, atendendo convite da Reitoria da UFPe. Grande número de autoridades universitárias e de Professores compareceu àquela solenidade.

Pedro II Sofrerá Profunda Reforma

Importante reunião foi realizada com vistas à reforma administrativa a ser introduzida no Hospital das Clínicas (Pedro II), onde funcionam as Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco. Dela participaram os integrantes do corpo clínico do ex-Instituto de Cardiologia, agora Centro de Cirurgia Cárdio-Vascular e Pesquisas Cardiológicas, sob a presidência do Reitor, Professor Marcionilo Lins.

Na oportunidade, foram discutidos diversos aspectos do funcionamento daquele hospital-escola, visando a adaptá-lo às exigências impostas pelo progresso do ensino e da pesquisa na área da saúde. Ao cabo da discussão, o Reitor apresentou várias soluções aos problemas debatidos, tendo sugerido a junção de todos os centros cirúrgicos em apenas um bloco, e que os mesmos teriam um regime interno de acordo com o complexo a ser formado.

DIVISÃO

Por sugestão ainda do Professor Marcionilo Lins, ventilou-se a necessidade de proceder-se à divisão das turmas de ensino para melhor rendimento da aprendizagem. Anunciou que a Reitoria não medirá esforços no sentido de apoiar essas inovações, devendo, inclusive, contribuir com cerca de Cr$ 110.000,00, para consecução das metas desejadas.

Graduação Com Mais De Doze Mil Alunos

Com 12.360 alunos matriculados, no Ciclo Geral — 2.960 — e os demais nos Cursos de Graduação, no corrente ano letivo, a Universidade Federal de Pernambuco ocupa a posição de terceiro complexo universitário do Brasil, no âmbito das instituições oficiais, no que tange ao aspecto quantitativo.

Para os novos alunos — 2.960 — a Universidade significa o ponto culminante na sua trajetória de estudante. Iniciam essa nova caminhada cursando o Ciclo Geral, que permite a todos uma revisão de currículos e lhes dá maior abertura com relação à escolha do Curso de sua predileção, com maior segurança e convicção.

MENSAGEM E MANUAL

Dentro desse espírito, o Reitor Marcionilo Lins mandou elaborar um manual para os novos estudantes, o qual, além da sua mensagem aos calouros, contem todas as informações de que eles necessitam a respeito do funcionamento da Universidade, quer na sua parte acadêmica, quer na administrativa, oferecendo-lhes inclusive, um histórico sobre cada Unidade componente da UFPe. Esse trabalho foi realizado sob a responsabilidade da Assessoria Especial de Relações Públicas.

Comissão Faz Interligação Dos Vários Ramos do Saber

Acaba de ser instituída a Comissão de Ciência e Tecnologia com o objetivo de promover a implantação de cursos em áreas que interrelacionem os vários ramos do saber, como também efetuar tarefas específicas de didática e pesquisa, e experimentar fórmulas adequadas e flexíveis para realização da política científica e tecnológica da Universidade Federal de Pernambuco.

Tem, ainda, a seu cargo atualizar informações, relacionando ciência e técnica, tendo em mira o bom desenvolvimento da pesquisa aplicada e tecnológica. Inicialmente, a Comissão em apreço desenvolverá estudos com vistas à montagem de um Centro de Informática na UFPe.

ASSESSORAMENTO

Dentre as suas atribuições, a CCT prestará assessoramento técnico-científico no sentido de orientar o poder decisório na programação a médio e longo prazos.

Essa Comissão, instituída pela Portaria 164-72, funcionará como órgão de assessoramento da Reitoria, diretamente subordinada ao Vice-Reitor, e está assim constituída:

Professores Arão Horowitz, presidente; Guilherme Martins Filho; Telmo Frederico do Rego Maciel; Sebastião Araújo Barreto Campelo; José Jorge Vasconcelos de Lima; Rivaldo Alves Correia; Manuel Agamenon Lopes (representante do corpo discente dos cursos de Pós-Graduação).

Projeto Arquipélago na Ilha

Já está em fase de execução o "Projeto Arquipélago", no Território Federal de Fernando de Noronha, a cargo do CRUTAC-Pe. Equipes de técnicos, professores e universitários, deslocam-se periodicamente para a Ilha, com o fim de realizar tarefas nas áreas de saúde, nutrição, tecnologia e comunicações. Foram realizados levantamentos topográfico e arquitetônico da Ilha, atingindo também o histórico Forte dos Remédios.

O "Projeto Arquipélago" prevê também a exploração do potencial turístico de Fernando de Noronha, além de estudar a viabilidade de transmissão de imagens, para o que se faz necessário a instalação de uma torre de transmissão. O CRUTAC-Pe. abriu novas perspectivas para o treinamento acadêmico com esse programa, que conta com o apoio integral do Ministro Jarbas Passarinho e do Governo de Fernando de Noronha. A foto acima é um flagrante da reunião do Governador da Ilha e a equipe do CRUTAC-Pe., chefiada pelo Professor Agenor Pelxoto

"CAMPUS" TERÁ BURLE MARX FAZENDO AJARDINAMENTO

O famoso paisagista Roberto Burle Marx, provavelmente será o responsável pela elaboração dos projetos de ajardinamento do "campus" da Universidade Federal de Pernambuco. Contatos já estão sendo mantidos entre ele e o Reitor da Universidade, visando à assinatura de contrato e os preparativos para a realização desse trabalho.

Os contatos iniciais com Roberto Burle Marx, que é pernambucano, foram feitos pelo Prefeito da Universidade. Esse projeto visa ao bem-estar da comunidade estudantil e à perfeita estética do "campus universitário". Anuncia-se que até fins deste mês o objetivo será concretizado.

BURLE MARX

Burle Marx é considerado pelos estudiosos um dos maiores paisagistas de todo o mundo, e, talvez, o melhor de todos eles. É responsável pela maior parte dos melhores projetos de paisagismo no Brasil e no exterior, sendo uma das figuras intelectuais e culturais brasileiras de maior divulgação na Europa e nas Américas. Sua contratação representa a garantia de uma das maiores realizações da Universidade Federal de Pernambuco, no setor específico.

Informa-se, ainda, que o famoso paisagista apresentou uma proposta na qual pede o prazo de quarenta e cinco dias para elaborar os seus trabalhos e apresentá-los à UFPe. Seu projeto deverá ser analisado pelos técnicos da UFPe., que deverão apresentar suas conclusões dentro de poucos dias.

Turistas de todo O País Afluiram A Fazenda Nova

Nova Jerusalém, em Fazenda Nova, tornou-se um dos maiores centros artísticos do Brasil — pelo menos é o maior palco de Teatro ao Ar Livre do Mundo. O grande espetáculo lá encenado, anualmente, é a Paixão de Cristo, que vem despertando interesse tele-cinematográfico em vários países europeus. Este ano, o êxito alcançado suplantou os sucessos obtidos em anos anteriores. A afluência de público foi das maiores, vindo gente de vários Estados da Federação, inclusive do exterior, para assistir ao espetáculo.

O ator José Pimentel, do cast artístico da Televisão Universitária Canal-11, e que participa dos trabalhos desenvolvidos pela Sociedade Teatral de Fazenda Nova, descreveu assim, a Nova Jerusalém:

— Meu mano, pedra fulora?

— Depois de Deus querer, fulora e bota semente.

No princípio era a pedra dura e abandonada. A vegetação seca, xerófita de Fazenda Nova, agreste meridional de Pernambuco, a 180 km do Recife. A gente: duas mil pessoas que habitavam os tortos arruados da vila, que no clima seco e ameno gozavam o ambiente calmo e repousante, esperando um milagre. E o milagre aconteceu.

Como na literatura oral que preenche muito da vida nordestina através dos cegos de feira, violeiros, tocadores de pífanos, emboladores, o diálogo repetiu-se. Plínio Pacheco, um jornalista gaúcho, acreditou em seu mano do Norte. E a pedra fulorou, botou semente. A enxada retirou os xique-xiques e mandacarus do chão. O suor do rosto acompanhou o ritmo das mãos talhando a pedra. No espaço de 70 mil metros quadrados ergue-se uma cidade de pedra: a NOVA JERUSALÉM.

O homem do lugar também acompanhou a transformação da paisagem. Quando as torres, os palácios, os arruados, os lagos, templos e foruns começaram a ficar mais perto do sol, o talento acumulado do povo também desabrochou. Escultores, músicos, atores, artesãos, iluminadores, contra-regras, que somente conheciam a arte dramática nas rústicas representações dos circos mambembes, se revelaram. As culturas de feijão e milho cederam ao mutirão artístico. E naquele lugar parecido com a Terra Santa, e naquela cidade de pedra e tijolo, um terço da Jerusalém dos tempos de Cristo 500 atores camponeses reviveram pela primeira vez, após nove anos de trabalho e formação, a "Paixão de Cristo".

Cristo pregou na Nova Jerusalém, pela primeira vez, nos dias da Semana Santa, março de 1968. Uma espécie de aboio que despertou todos os sertões nordestinos, foi ouvido nas praias e nas matas. O País escutou. Começou a corrida. Uma representação artística de proporções hollywoodianas exigiu serviço para milhares de espectadores.

Quem vai ao maior teatro ao ar livre do mundo dispõe de: estrada asfaltada e sinalizada, ônibus confortáveis, comida típica e universal, ar puro e condicionado, camping, água mineral, hotéis e restaurantes. Quem esteve na NOVA JERUSALÉM, saiu de lá um pouco mais culto. Trouxe de lá informações artísticas, históricas e geográficas adquiridas em cada trecho do caminho. Quem entrou na cidade de Cristo e percorreu os seus templos, foruns e arruados, saiu de lá acreditando mais um pouco na capacidade de realização do homem.

ONDE ESTÁ A NOVA JERUSALÉM

O Teatro-Cidade está encravado numa paisagem semelhante à árida Judéia. No agreste de Pernambuco, 500 metros acima do nível do mar, na estancia hidro-mineral de Fazenda Nova, município de Brejo da Madre Deus. A 180 km do Recife, 120 de Palmares e de Petrolina, 670 km. O lugar é uma mancha de sertão dentro do agreste. Tem um clima especial. O frio da noite acompanha em brisa o reinado do sol durante o dia. Se escuta o vento, se respira bem.

O ESPETÁCULO

A "Paixão de Cristo" da NOVA JERUSALÉM é encenada nas noites de 3a., 4a., 5a., 6a Feiras Santas e Sábado de Aleluia. Um espetáculo completo por noite. Começa às vinte horas. O ingresso custa Cr$ 20,00 preço único. Ao ar livre, acompanhando as cenas que acontecem em 12 cenários de pedra, o público se confunde com os 500 atores. A plasticidade da "Paixão de Cristo" atinge um clima grandioso em cada detalhe trabalhado pelo diretor José Pimentel. Junto às cenas históricas explodem fogos de artifícios, músicas suavíssimas e grandiosas, luzes, vozes eloquentes, cores em tecidos que se movimentam com os corpos dos atores. Dura 180 minutos. Para quem vê pela primeira vez, tudo começa ao passar sob as torres da cidade e continua na memória ainda por muito tempo. Mesmo depois de Cristo ressuscitado, quando o espetáculo chega ao fim, e se tem a impressão que o ator está subindo aos céus realmente.

Vamireh Diz Que Ciências Sociais Retomam Caminhos

Atualmente, discute-se se estarão as Ciências Sociais a caminho de uma quantificação que as reduzirá ao puro Mecanicismo. Sobre o assunto, procuramos o parecer do Prof. Vamireh Chacon, titular de Economia Política na Faculdade de Direito e adjunto de História Social no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFPe., e autor de vários livros, entre os quais, uma Sociologia do Desenvolvimento Brasileiro, ainda inédita em português, porém aparecida recentemente na tradução alemã, *Kultur und Entwicklung in Brasilien,* publicada pela Imprensa da Universidade de Muenster, onde o nosso entrevistado foi professor visitante em 1967/1968, na República Federal da Alemanha.

"Cerca de dez anos atrás, crepitava ao máximo o entusiasmo pela aplicação maciça dos métodos quantitativos nas Ciências Sociais. Muitos celebravam a morte das ideologias, dos mitos, dos "ismos". Agora cresce o cansaço diante de realidades tidas como inevitáveis e, no final de contas, superáveis quando se está animado por uma grande, factiva e concreta esperança. Fausto volta a substituir Prometeu" — disse-nos inicialmente o prof. Vamireh Chacon.

INÍCIO DE NOVA PERSPECTIVA

Indagamos do Prof. Chacon quais os grandes momentos que marcaram o início de nova perspectiva, ao que ele retrucou: "Eu não diria *início,* e sim retomada. Toda criação só é válida quando fiel às fontes. O equívoco dos que pretendem fazer "tabula rasa" do Passado consiste na dificuldade, ou mesmo impossibilidade, da criação "ab nihilo", inclusive na Cultura. Quando se tenta isto, termina-se repetindo o que disse algum ilustre morto e sem a clareza e amadurecimento dele. Tem-se de conhecer o Passado, até mesmo ao tentar-se negá-lo. Já houve inúmeros que o procuraram — aduziu — e, daí, ser necessário também conhecer sua experiência...

PROFETAS DE RETORNO ÀS RAÍZES

Indagamos do Prof. Vamireh Chacon quais os profetas do retorno às raízes, ao que explicou: "A esterilidade factiva da Numerologia vem desembocando num regresso a Max Weber e Hegel, entre outros, sobretudo por parte dos cientistas sociais desta nova geração, satisfeita com o rigor metodológico da quantificação, porém perplexa diante da sua freqüente inaplicabilidade prática. A Micro-Economia, tanto quanto a Micro-Sociologia, são capazes de prodígios, bem diversos das vacilações e equívocos da Macro-Economia e da Macro-Sociologia. O que prova não ser a sociedade uma mera soma dos seus componentes e sim algo mais, com suas inconsúteis raízes lançadas no Passado, projetando-se na perspectiva do Futuro".

CRISE NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Pode-se então concluir constatando uma crise nas quantificadas Ciências Sociais contemporâneas? — indagamos, ao que nos respondeu o Prof. Chacon: "Para sermos coerentes com o afirmado antes, não podemos repelir as contribuições positivas da Quantificação e até das lições obtidas com os excessos do que Sorokin chamava "Quantofrenia" nas Ciências Sociais, mórbida afecção numerológica esotérica. Afinal de contas, tudo é experiência histórica.

No caso da Quantificação, propriamente dita, não há como negar sua contribuição em favor de uma perspectiva mais exata da realidade, nem por isso menos transfigurável através das Esperanças proféticas, que sabem esperar mesmo quando a Razão se desespera. Péguy insistia na reabilitação do que ele chamava a "virtude esquecida" e Ernest Bloch, mais recentemente, vem reformulando, de modo sistemático, a própria Ontologia do tema. Inclusive nos Estados Unidos, aparece agora um Joseph Campbell, falando no *Hero with thousand faces*, embora seu despreparo, do ambiente onde foi criado e não só pessoalmente, impeça-o de ter uma visão de conjunto do problema.

FORMALISMO TRADICIONAL

No caso brasileiro — indagamos do Prof. Chacon — em que consistiria esta nova fase das Ciências Sociais, de novo qualitativas e não mais apenas quantitativistas? - ao que ele afirmou: "Antes de mais nada, reconheçamos: as Ciências Sociais brasileiras ainda estão muito marcadas pelo formalismo tradicional, que pouco ou nada tem de profético; prefere olhar para o Passado enquanto Passado e não espelho do Futuro. Portanto, a Quantificação, até quando extremada em Quantitativismo, representa uma reação polar oposta e compensadora. Ao retornar o pêndulo, ele surge revigorado pela descoberta do ângulo inédito, porém não se pode deter neste.

Exorcizada a superficialidade anterior, não devemos nos deter na perspectiva nova que não abrange, sozinha, a realidade por definição inesgotável. Um mergulho historicista em nossas raízes, equipado com instrumentos quantitativos, permitirá novas descobertas.

Aliás, reconheça-se, as várias correntes estão a tal ponto bem representadas na Sociologia e na Economia do Desenvolvimento brasileiro, por exemplo, que não precisamos temer que uma, ou outra, acabe predominando unilateralmente. Desde algum tempo, o Brasil vem se mostrando capaz de produzir interpretações de sua realidade, deixando assim de importá-las em grande escala. Os estrangeiros que falam a nosso respeito, "futurólogos" ou não, logo se defrontam com o nosso criticismo agudo e exercitado".

EM TERMOS NORDESTINOS

Perguntamos ao Prof. Vamireh Chacon se em termos nordestinos estamos também em condições de trazer nossa contribuição à nova perspectiva do Brasil e do Mundo, tendo afirmado: "Claro que sim. De novo retorno à questão das origens: todos sabem que a Faculdade de Direito de Olinda-Recife, o mais antigo centro de estudo de Ciências Sociais do país, ao lado de São Paulo, desde mais de um século, fornece-nos tentativas de instrumentos teóricos e práticos para entendermos nossa realidade. O Instituto Histórico de Pernambuco é o segundo no Brasil, também egresso do século XIX. O mesmo poderíamos ir dizendo doutras instituições culturais nordestinas. Se algum dos seus rumos deixaram de coincidir, ou adaptar-se às novas tendências e correntes, isto não implica na sua irreversível irrecuperabilidade. Os cursos de pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco aí estão, numa nova etapa do cultivo das Ciências Sociais no Nordeste, onde mais de um dos seus nomes já alcança repercussão, inclusive no exterior".

UFPe. Homenageará Santa Tereza

A Reitoria da Universidade Federal de Pernambuco está elaborando programação a ser executada em outubro vindouro, em homenagem a Santa Tereza, doutora da Igreja. O Reitor Marcionilo Lins conta com a colaboração efetiva da Pró-Reitoria para Assuntos Extraordinários, à frente o professor Paulo Maciel, e do padre Romeu Peréa, do Instituto de Letras, que será o coordenador das comemorações.

Já no início do corrente ano letivo, o Instituto de Letras deverá mimeografar, semanalmente, textos de ou sobre Santa Tereza, a serem distribuídos com Professores e alunos da Universidade. Entre outros pontos, a semana dedicada à nova doutora da Igreja, constará de palestras, devendo uma delas ser pronunciada pelo padre Emílio Silva, espanhol, e considerado uma das maiores autoridades em estudos terezianos.

Os demais conferencistas que abordarão os diversos aspectos relacionados com a história de Santa Tereza, serão os Professores José Lucena, da Faculdade de Medicina, Luiz Delgado, da Faculdade de Direito, Nilo Pereira, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Ariano Suassuna, diretor do Departamento de Integração Comunitária (DEIC) da UFPe., Maria do Carmo Miranda, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, e padre Romeu Peréa.

Consta também da programação um concerto da Orquestra Armorial, que executará músicas da época de Santa Tereza.

POESIA

Um dos pontos mais importantes dessa comemoração será o estudo de uma das faces de Santa Tereza: sua poesia, considerada como uma das maiores e substanciais contribuições do gênero da língua espanhola, ao lado de frei Luiz de Leon e outros místicos ibéricos.

JORNAL UNIVERSITÁRIO

N.º 7 Recife — MARÇO — 1972 ANO IV

MEDIDA DE GRANDE ALCANCE SOCIAL

Medida altamente humanitária pelo seu grande alcance social e que, ao mesmo tempo, revela a preocupação do Govêrno Federal em não privar da proteção do Estado faixa alguma da população brasileira, foi a recente criação da Central de Medicamentos. Essa medida pode ser considerada, senão a mais ampla, uma das mais importantes entre as que o Presidente Médici vem tomando.

Assim se expressou sobre a criação da CEME, o dr. Sidney de Barros Coelho, do corpo científico do Instituto de Antibióticos da Universidade Federal de Pernambuco e membro da Comissão de Pesquisas da Central de Medicamentos.

A CEME NÃO É ORGÃO COMPETIDOR

A Central de Medicamentos — segundo as palavras do Presidente Médici — não será um órgão de competição com a indústria e o comércio especializados, pois se destina a promover e organizar o fornecimento de remédios àqueles que, por suas condições economicas não os podem adquirir aos preços tabelados, contribuindo para que o remédio fique ao alcance da bolsa do povo.

LABORATORIOS REUNIDOS

Criado em fins do ano passado, pelos decretos 68.896 de 25.6 e 69.451 de 1.11.71, uma das medidas desse órgão da Presidencia da República foi a de reunir os laboratórios em funcionamento dos Ministérios da Marinha, do Exército, da Aeronáutica, do Trabalho e da Previdencia Social com a finalidade única de justiça social — preocupação maxima do Presidente, contribuindo para que o remédio chegue às mãos de todos, por preços acessíveis a cada um ou mesmo gratuitamente, quando não houver possibilidades de pagamento.

A Central de Medicamentos cobrirá todo o território nacional.

DEPARTAMENTO DE PRODUÇÃO

Para que a Central de Medicamentos possa, realmente, atingir seus objetivos, é indispensável um departamento de produção, seja de substâncias já em uso, seja de novas descobertas. Sob este ângulo, foi o Instituto de Antibióticos da Universidade Federal de Pernambuco considerado de suma importância pela aplicação prática que vêm obtendo os antibióticos ali descobertos, em pacientes humanos. Este ponto foi ressaltado pelo diretor da CEME, dr. Wilson de Souza Aguiar, em visita ao Prof. Oswaldo Gonçalves de Lima, em janeiro passado.

CONSELHO CONSULTIVO

A Central de Medicamentos receberá orientação de um Conselho Consultivo Científico constituído de cientistas de alto gabarito de todo o país.

Segundo dr. Sidney de Barros Coelho, é evidente a importância que o Instituto de Antibióticos representa para a CEME, dado que este Instituto tem, em sua constituição, um departamento exclusivo de fitoquímica e que já são de conhecimento internacional os antibióticos extraídos de produtos naturais provenientes de vegetais superiores. "Esta instituição, frisou, é a única no âmbito universitário brasileiro que vem desenvolvendo em sua linha de realizações pesquisas de novos produtos farmacológicos na utilização da macroflora brasileira, como fonte de novos produtos naturais, com aplicação na indústria farmacêutica'".

Oswaldo Lima Tomou Posse Na Central de Medicamentos

Tomou posse, no Palácio do Planalto, em Brasília, como membro científico do Conselho Consultivo da Central de Medicamentos da Presidência da República, o Diretor do Instituto de Antibióticos da UFPe., o cientista Oswaldo Gonçalves de Lima, a convite do Presidente da CEME, Prof. Wilson de Souza Aguiar.

O Conselho Consultivo da Central de Medicamentos é um órgão ligado diretamente à Presidência da República, uma criação do Presidente Médici, com o fim de promover e organizar o fornecimento de remédios às classes que não dispõem de meios suficientes para adquiri-los ao preço do mercado. O Prof. Oswaldo Gonçalves de Lima é o único representante do Norte e Nordeste escolhido para essa relevante função.

NOME INTERNACIONAL

O Prof. Oswaldo Gonçalves de Lima é nome que de há muito tempo já ultrapassou as fronteiras do País, pelos antibióticos isolados da flora brasileira portadores de substâncias antineoplásicas, destacando-se, em todo o mundo, como o precursor da aplicação em seres humanos da L-Aspariginase, extraída do soro da cotia e seu uso pioneiro em pacientes portadores de neoplasias malígnas, com resultados animadores. É o autor também de pesquisas que culminaram com o isolamento da substância Lapachol, anti-câncer, isolada do Pau d'Arco roxo.

Segundo o Prof. Oswaldo Gonçalves de Lima, a pesquisa é um trabalho apaixonante e dramático. "Quem não se emociona não permanece nele. Um trabalho com muitas emoções, a maioria negativa, mas com a necessidade de continuar, indefinidamente, pois descobrir, apenas, não é o passo final, o importante é o emprego da descoberta".

CONFERÊNCIA NO HOSPITAL DISTRITAL

O Prof. Oswaldo Gonçalves de Lima pronunciou uma conferência no Hospital Distrital L-2, em Brasília, sobre o tema "Alguns aspectos ecológicos da ZIMOMONAS MOBILE na observação clínica", resultado de uma colaboração entre o Instituto de Antibióticos e um grupo de ginecologistas de Brasília.

Reitor Aniversaria E Recebe Homenagem

Aniversariou o Reitor Marcionilo Lins. Por este motivo, uma manifestação lhe foi prestada pelos colaboradores e funcionários da Universidade. O Reitor foi saudado, informalmente pelo Prof. Lucilo Varejão e agradeceu, risonho, a homenagem dizendo, ao receber o presente: "tinha que ser uma pasta, para carregar tantos papéis". Em seguida foi servido coquetel.

A homenagem ao Reitor foi realizada no Salão "João Alfredo", onde se reune o Conselho, no prédio da Universidade.

Diretor de Micologia Faz Estágio na Flórida, EUA

Encontra-se nos Estados Unidos, o Prof. José Luís Bezerra, diretor do Instituto de Micologia de nossa Universidade, onde, na Universidade da Florida, faz especializações em Micologia, Botânica e Fito-Patologia.

Enquanto isso, assumiu a direção do Instituto de Micologia, por indicação do Reitor Marcionilo Lins, o Prof. Ernani Silva, que vem dando prosseguimento ao planejamento iniciado com sua programação normal de pesquisas e mais um curso de aperfeiçoamento em Micologia Geral, que deverá estender-se até a segunda quinzena de maio.

A coordenação do curso está a cargo da Dra. Ruth Garnier de Souza Falcão, professora assistente do referido Instituto. O corpo docente compõe-se de Fernando de Barros Leal, do corpo de pesquisadores do próprio Instituto e quatro pesquisadores do Instituto de Botânica de São Paulo, professores Adauto Ivo Milanez, PhD nos EUA, Oswaldo Fidalgo, Diretor Geral do Instituto de Botânica de S. Paulo, João Saldanha Furtado, doutor em Ciências em São Paulo e a Professora Sônia Machado de Campos Dietrich, pós-graduada também do Estado de São Paulo.

O curso conta com 20 participantes todos graduados e que se preparam para o mestrado.

Importância da Pós-Graduação Na Tecnologia

No Instituto de Física, abordando o tema "a importância da Pós-Graduação em Ciência e Tecnologia no Brasil", o Professor Fernando Souza Barros, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pronunciou conferência em solenidade que contou com a presença do Reitor e Vice-Reitor, Professores Marcionilo Lins e Rômulo Maciel, respectivamente, sob a presidência do primeiro.

Foi uma palestra de alto nível, considerando a participação de pesquisadores, Professores, dirigentes universitários e estudantes bolsistas. Vários aspectos da Pós-Graduação foram amplamente analisados pelo conferencista, tendo destacado a importância de cursos dessa natureza na preparação de pesquisadores e Professores de alto nivel para as instituições de ensino superior do Brasil.

QUEM É QUEM

O Professor Souza Barros, que veio a Recife a convite da direção do Instituto de Física da UFPe., é um dos cientistas mais proeminentes do Brasil. É natural de Pernambuco, tendo se graduado na Escola de Engenharia da UFPe., nos idos de 1953.

Descobrindo que sua vocação real era para a carreira científica, ele foi para o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas. Após os estudos feitos naquele Centro, rumou para a Inglaterra, onde obteve seu PhD (Doutoramento) em Física Nuclear, na Universidade de Manchester, em 1960.

Feito isso, regressou ao Brasil, mas por faltar-lhe condições, naquela época, para desenvolver suas atividades de cientista e pesquisador de alto nível, foi para os Estados Unidos, onde, durante anos lecionou e foi chefe de pesquisas no Carnegie Mellon Institute, em Pittsburg. Agora retorna ao Brasil para organizar a Pós-Graduação na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SEMINARIO

Além da conferência, o Professor Fernando Souza Barros ministrou também um seminário no Instituto de Física, sobre seus recentes trabalhos de pesquisa.

JORNAL UNIVERSITÁRIO

Reitor: Professor Marcionilo de Barros Lins

Diretor do DEIC: Professor Ariano Suassuna

Editor Geral: Manoel Neto Teixeira

Secretário de Redação: Carlos Garcia

Repórteres: Angela Delouche, Moacir Castro, Francisco Delgado, Raimundo Carreiro e Angelo Monteiro.

Diagramação: Josias Florêncio.

Editado mensalmente pelo Departamento de Integração Comunitária (DEIC).

Livros, cartas e colaboração em geral de professôres, alunos e pesquisadores da UFPe., devem ser enviadas para a redação do JU: edifício da Reitoria, 2.º andar, (DEIC) Cidade Universitária.

REITOR FALA SOBRE "CRÉDITOS"

O Reitor Marcionilo Lins fez um pronunciamento sobre o sistema de *créditos* e os departamentos, de maneira detalhada, por ocas ão da aula inaugural dos novos alunos das áreas I e IV, Letras e Ciências Humanas e Artes, respectivamente.

Na íntegra, as palavras do Professor Marcionilo, pronunciadas no auditório da Faculdade de Ciências Econômicas, Cidade Universitária:

"Parece-me oportuno lembrar aos alunos e ao grande público as modificações ocorridas na Universidade face à adoção de novos critérios de avaliação e promoção. Primeiramente, chamo atenção para o fato de que a reforma universitária, em marcha, modifica, substancialmente, a estrutura acadêmica dos cursos ministrados.

Recordemos, portanto, que o ensino, até então, era medido em séries e o número de séries, ou anos do curso, somado, totalizava o currículo a ser cumprido em cada caso. Na realidade, para uma maior flexibilidade tornava-se necessário oferecer-se a todos os estudantes um tipo de avaliação e modo de operar, em matéria de currículo, diferente do sistema de promoção por séries. Isto se dava por vários motivos, inclusive a falta de grandes especialistas, e mesmo de Professores, em quantidade suficiente para o atendimento das necessidades da Universidade e de modo a permitir uma melhor utilização dos recursos humanos e materiais disponíveis.

Dentro das diretrizes do CFE, os cursos universitários passaram a ser definidos em função do total da carga horária a cumprir. Como consequência, o curso A, com carga total de 5400 horas, poderá evidentemente ser obtido em 5, 6 ou 9 anos, conforme a capacidade de cada um. Para tanto é imperioso definir uma nova unidade de avaliação que se denomina "crédito", nome universalmente aceito. Qualquer professor ou universitário dos mundos ocidental ou oriental sabe o que é o crédito. Obter créditos significa obter condições de aprovação, previamente fixadas, para uma dada disciplina, e os cursos passam a ser referidos por um total de créditos e não de séries ou anos letivos. Assim, o curso A, para que o aluno obtenha o diploma, precisa completar 30 créditos, o B 35 e o C 10 ou 15, etc.

Então, ao aluno, no ato da matrícula, se apresenta um elenco de disciplinas que, é lógico, têm requisitos fixados para ser cursadas. Pode então o aluno se matricular para todas as do elenco, ou somente para parte delas. Aí está uma das primeiras características do novo sistema. Se o aluno "a" é altamente capaz e dispõe de tempo, obterá seu total de créditos em menor tempo que o aluno mal preparado. Se o aluno estuda e trabalha, saberá fazer escolhas que evitarão, certamente, manchar seu currículo. Ele demora mais a obter o total de créditos que o aluno de tempo integral, mas tem a chance, como o bom aluno, de obter um currículo sem notas ou graus que venham a lhe causar prejuízos futuros.

No entanto, como o total de matrículas é dado pelo conjunto das disciplinas de um curso, claro que os critérios de um curso seriado não poderão de modo nenhum ser transcritos ou adaptados para o curso que adote o novo sistema. Por exemplo, são incompatíveis com o regime de crédito, as dependências. Elas não existem em tal sistema. Há, sim, requisitos e pré-requisttos, o que é completamente diferente. Por outro lado, o sistema de créditos torna a universidade mais dinâmica e de uso pleno. Assim, mesmo nos períodos de recesso (férias escolares) várias serão as disciplinas dos diferentes cursos que poderão ser oferecidas, servindo, por vezes, de nova chance para os alunos que perderam o crédito no período normal, ou para que recebam disciplinas que completem sua formação integral. É indispensável contudo, para funcionamento do sistema de créditos na sua plenitude, que as universidades tenham ao menos duas épocas anuais de matrículas para os cursos. A grande mobilidade na aplicação do sistema permitirá, inclusive, a transferência automática de cursos com reconhecimento automático dos créditos específicos, bem como a melhor divisão dos alunos em grupos, diminuindo o seu número por turmas e, em consequência, melhorando a qualidade do ensino.

Os departamentos, células operacionais número um da reforma atual, quando estiverem atuando em todaplenitude, terão maior oportunidade de utilização de seus quadros docentes mediante oferta de um maior número de cursos dentro da especialidade de cada docente. Infelizmente, ainda hoje, apesar de a reforma estar em implementação,, o que se verifica é, sobretudo, a falta de estruturação acadêmica das unidades dentro do todo universitário e, como consequência, uma quase completa falta de funcionamento dos departamentos.

Os departamentos, sub-unidades de ensino e pesquisa devem programar o ensino e a pesquisa. Há uma crença errônea de que os departamentos vieram para desprestigiar os "catedráticos", hoje titulares, e o receio de todos leva muitas vezes, à perda de jovens vocações para o magistério e a pesquisa, que se sentem frustradas por não poderem contribuir como pretendiam.

O departamento não veio para prejudicar ninguém, veio como consequência de uma melhor sistematização dos encargos de cada um, juntando os recursos humanos e materiais que servem a uma mesma área do saber. Constituem os departamentos as "células-mãe" de uma unidade, pois as unidades só existem como consequência dos departamentos. Tanto é verdade o que afirmo que podem existir, e existem, no Brasil, várias universidades estruturadas em departamentos e centros ou cursos, que não possuem unidades (isto é Institutos ou Faculdades); mas não há universidades sem departamentos e, exclusivamente, com Institutos e Faculdades.

O departamento não veio contra A, B, ou C, pois dentro dele existe uma hierarquia acadêmica: titular, adjunto e assistente, e mesmo os auxiliares de ensino, que não têm ainda o título de professor, também têm o direito de representação. Dentro de tal hierarquia, cada um tem seus direitos e deveres a cumprir, e a prova de que os titulares têm os seus direitos respeitados é que, pela lei, são membros natos das comissões diretoras dos departamentos quando assim são organizados, e membros natos dos colegiados do tipo congregação, onde as demais classes têm representações a meu ver ainda reduzidas.

O que foi abolido pela Reforma foi o poder de arbítrio do "catedrático" de fazer o programa e dirigir o ensino e a pesquisa a seu modo, mas nunca o seu prestígio. O prestígio de um professor é medido não pelo poder, e sim pelo seu "curriculum" universitário, onde sua contribuição em trabalhos para o ensino e a pesquisa são perfeitamente demonstrados.

É necessário que todos compreendam que jamais o departamento retirou o prestígio científico de Einstein, nem de Bohn ou Hans Krebs. Como imaginar, portanto, que o departamento veio para destruir o professor? O departamento veio para dar oportunidade a todos os professores de uma área de saber de opinarem e trabalharem com o espírito de uma equipe, e isto é uma necessidade imperiosa.

É evidente que estranhamos a mudança, mas vamos lutar para que o departamento se fortifique e cumpra sua verdadeira missão, e então, tenho certeza, haveremos de experimentar uma sensível mudança na qualidade do ensino e uma melhor lógica nos gastos aplicados na pesquisa".

UFPe. ADMITE MATRÍCULAS NO 2.º PERÍODO DO CICLO BÁSICO

De acordo com projeto de resolução aprovado pelo Conselho Coordenador de Ensino e Pesquisa, a partir do ano de 1972 as Unidades da Universidade Federal de Pernambuco poderão admitir matrículas iniciais nos Ciclos Básicos, Profissionais ou Acadêmicos para o segundo período letivo regular.

Art. 2.º — Ao Conselho Departamental de cada Unidade cabe a iniciativa de propor à aprovação do CCEP a admissão de matrículas inicais no segundo período, verificada a existência de condições que assegurem a manutenção da qualidade do ensino.

§ 1.º — A proposta caracterizará o número de matrículas iniciais a serem admitidas no segundo semestre e a existência das condições referidas no capítulo deste Artigo.

§ 2.º — O número de matrículas inicia's para o 2.º período deverá manter-se dentro do limite mínimo de 40 alunos e do limite máximo comportável em uma turma regular, não superior ao número fixado para cada turma admitida no 1.º semestre.

§ 3.º — Admitir-se-á a proposição de novas matrículas iniciais em número inferior ao limite estabelecido no parágrafo anterior, quando puderem ser absorvidos em turmas pré-existentes, sem exceder ao limite de vagas originalmente fixado para cada disciplina.

Art. 3.º — As propostas de admissão das matrículas de que trata a presente Resolução deverão ser encaminhadas ao CCEP.

I — até o dia 30 de abril próximo, para admissão no 2.º semestre de 1972;

II — até o dia 30 de outubro próximo, para admissão no 2.º semestre de 1973.

Parágrafo único: Em relação às matrículas iniciais no Primeiro Ciclo de 1973 e nos Ciclos ulteriores em 1974, bem como nos anos subsequentes, a Câmara de Admissão e Ensino Básico apreciará as propostas remetidas pelas Unidades, fixando o número de matrículas para cada semestre, e submetê-las à aprovação do C.C.E.P., na forma do Regimento Geral.

Art. 4.º — O acesso aos Ciclos Básicos, Profissionais ou Acadêmicos, no 2.º período letivo, far-se-á mediante classificação, nos termos do Regimento do Primeiro Ciclo.

§ 1.º — A classificação proceder-se-á no mês de julho, após a realização dos exames classificatórios do primeiro semestre;

§ 2.º — A classificação referida neste Artigo, concorrerão os alunos que o requererem manifestando suas opções, antes dos exames classificatór os do primeiro semestre, nos termos do Art. 23 do R-G U.

§ 3.º — Para cada curso em cujos Ciclos Básicos Profissionais ou Acadêmicos forem oferecidas matrículas iniciais no segundo semestre, serão classificáveis os alunos que, tendo-o requerido, satisfizerem, no momento em que se processar a classificação, às condições estabelecidas no Regimento do Primeiro Ciclo.

§ 4.º — A classificação obedecerá às normas e critérios de prioridade fixadas nos Arts. 24 e 25 do Regimento do Primeiro Ciclo, calculando-se as médias classificatórias de acordo com a mesma fórmula de ponderação adotada para cada curso, na classificação procedida no semestre anterior.

Art. 5.º — Somente haverá aumento de matrículas de acordo com os critérios fixados nesta Resolução, vedada a simples ampliação das turmas ora existentes.

Art. 6.º — Esta Resolução entra em vigor na data de sua aprovação.

Vestibulares Para 1973

A Câmara de Admissão e Ensino Básico do Conselho Coordenador de Ensino e Pesquisa, tendo em vista as atribuições que lhe são conferidas pelo Art. 88 § 2.º do Regimento Geral da Universidade,

RESOLVE

Art. 1.º — O Concurso Vestibular de 1973 será realizado em quatro Áreas, correspondendo às Áreas do Ciclo Geral e ainda em um grupo especial, para o Curso Superior de Secretariado.

Art. 2.º — Serão as seguintes as provas do Concurso:

I — Para todas as Áreas e grupo: Português e Língua estrangeira (Inglês ou Francês);

II — Para a Área de Ciências Humanas e Letras e para o Curso Superior de Secretariado: História, Geografia e Matemática I;

III — Para a Área de Ciências Exatas e Tecnologia: Matemática II, Física e Química;

IV — Para a Área de Biociências: Biologia, Física, Química e Matemática I;

V — Para a Área de Artes: História, Matemática I e provas de habilitação técnica.

Parágrafo único: As provas de habilitação técnica da Área de Artes serão eletivas entre Desenho ou Teoria e Execução Musical, a primeira habilitando à matrícula nas disciplinas do Ciclo Geral pré-requeridas para acesso ao Ciclo Profissional dos Cursos de Arquitetura, Escultura, Pintura e Licenciatura em Desenho e Plástica, e as últimas habilitando à matrícula nas disciplinas pré-requeridas para acesso ao Ciclo Profissional dos Cursos de Canto, Instrumento, Composição e Regência.

Art. 3.º — As provas serão elaboradas de acordo com os programas e respectivas instruções anexos à presente Resolução, vedado o uso do dicionário nas provas de língua estrangeira.

Parágrafo único: Todas as provas serão elaboradas sob forma de questões objetivas de múltipla escolha, à exceção das provas de Teoria e Execução Musical.

Cientista é "Honoris Causa" da UFPe.

Revelando a simplicidade tão familiar dos cientistas, o Professor francês, Alexandre Marcel Monnier, compareceu à solenidade na qual recebeu o título de "Professor Honoris Causa" pela Universidade Federal de Pernambuco, sem a indumentária protocolar. O cerimonial teve lugar no auditório da Faculdade de Medicina, sob a presidência do Reitor Marcionilo de Barros Lins.

Grande número de autoridades civis, militares e universitárias compareceu ao ato, inclusive estudantes.

O cientista francês foi saudado pelos Professores Nelson Chaves e Arthur Coutinho, representando a Faculdade de Medicina e o Conselho Universitário, respectivamente, após o que recebeu a imposição do capelo, colação da samarra doutoral e a entrega do pergaminho.

Ao receber o título, o Professor Marcel fez pronunciamento que serviu também de aula inaugural do corrente ano letivo da Faculdade de Medicina. Falando em francês, lembrou aspectos de relações científicas e culturais que mantivera em outras oportunidades com docentes e pesquisadores da Universidade Federal de Pernambuco.

ALOCUÇÃO

Ao final da cerimônia, que se desenvolveu dentro do ritual recomendado para atos dessa natureza, o Reitor Marcionilo Lins fez breve alocução, salientando que a UFPe. se sente honrada em conceder o título de "Professor Honoris Causa" ao cientista Alexandre Marcei Monnier.

O Reitor lembrou o tempo em que foi aluno do Professor Monnier, no Instituto Osório de Almeida, organizado pelo Professor Nelson Chaves.

A Banda de Fuzileiros Navais, que deu um colorido mais alegre à solenidade, tocando algumas músicas, executou, ao final, os Hinos do Brasil e o da França.

Discurso de Nelson Chaves

Coube-me a honrosa incumbência de saudar nosso ilustre visitante, no momento em que é agraciado com o título de "Professor Honoris Causa" da Universidade Federal de Pernambuco.

A homenagem que lhe prestamos é um justo reconhecimento pela valiosa colaboração com que tem distinguido a nossa Universidade, através da Disciplina de Fisiologia, da Faculdade de Medicina, durante longos anos.

Não poderíamos esquecer as importantes conferências, os ensinamentos experimentais on campo da Neurofisiologia, bem como o entusiasmo e a orientação profícua e segura de tão emérito professor humanista, originário de uma escola de fisiólogos da maior estirpe em todo o mundo e que tem como marco o inesquecível Claude Bernard -- verdadeiramente o criador da Medicina Experimental e um sábio no mais rigoroso conceito — e o Professor Lacpique, que se constituiu um luminar da fisiologia em tôda a Europa.

Seguindo a tradição de eminentes Mestres da Ciência, surgiu o Professor Monnier, que se tornou, dentro de pouco tempo, um dos mais famosos fisiólogos da velha Europa. Sua vida científica e cultural, quer na secular Sorbonne, uma das magníficas fontes de ciência e cultura da França e por onde passaram os mais famosos Mestres e Estadistas, quer nas universidades norte-americanas e de outras partes do mundo; suas pesquisas e revelações no campo da Neurofisiologia, especialmente na excitabilidade e excitação; seus livros clássicos, manuseados nas melhores bibliotecas e universidades, atestam o alto valor do nosso homenageado, digno, sob todos os aspectos, do tributo que ora lhe prestamos.

A sua produção científica de alto nível enriquece a Ciência e a Cultura, as quais têm desempenhado um papel da maior importância através da História. Se a humanidade teve sempre na Ciência e na Cultura o seu esteio principal, presentemente, nesta época crítica de transformações rápidas, na qual ressaltam conflitos de tôda ordem e verdadeiras incoerências, este suporte deverá ser muito maior.

Indiscutivelmente, o excepcional desenvolvimento científico, e sobretudo no campo da Física, da Matemática, da Química e da Biologia, fez surgir um subproduto da ciência: a tecnologia. Eclodiu, então, a Revolução Industrial, modificando muito rapidamente os conceitos tradicionais de vida e proporcionando o aparecimento de novos métodos e técnicas. Esta Revolução Industrial, que permitiu o grande desenvolvimento econômico de diversas regiões e supervalorizou o homem no seu aspecto puramente econômico, tem uma grande parcela de responsabilidade na crise que enfrentam os grandes centros desenvolvidos e países em desenvolvimento, em todo o mundo.

Aparentemente, há incoerência em atribuir, em grande parte, os conflitos que afligem a humanidade aos subprodutos da Ciência e da Técnica, justamente no momento em que ressalto o valor científico e cultural no progresso das sociedades. Contudo, é necessário que se compreenda o desvirtuamento de que foram vítimas as finalidades científicas em determinados setores, as quais sempre visaram ao bem estar e ao progresso da humanidade no mais amplo sentido, e não apenas no seu aspecto econômico. Verifica-se uma exaltação à máquina, ao material, em detrimento dos valores éticos e morais. A sofreguidão pelo lucro rápido superestimou o bem estar material fugaz e transitório, sufocando as forças espirituais, a riqueza interior do homem.

Inegavelmente, faltou o que já foi proclamado tantas vezes por eminentes homens de ciência: o paralelismo entre o desenvolvimento científico e tecnológico, de um lado, e o ético, do outro.

Os verdadeiros cientistas, quase todos humanistas e sempre voltados para a humanidade que atravessa as ruas, as avenidas e estradas, tornaram-se frustrados pela malsinação de suas descobertas, frutos de tantos anos de trabalho árduo. Geralmente, suas advertências somente encontram eco depois de decorridos anos ou séculos, quando o homem se defronta com problemas gravíssimos e que ameaçam sua sobrevivência.

Os apelos dos que fazem a Ciência e a Cultura devem ser considerados não somente nos campos específicos de suas atividades, mas também nos conceitos gerais e normas de vida.

A Universidade é o campo de ação do professor e do pesquisador. Através do ensino transmite-se a cultura e através da investigação científica revelam-se novos fatos, aumentando a área de conhecimentos.

O professor-pesquisador deve ser valorizado, em face da sua indiscutível importância para a sociedade. Sua função social é de transcendental significação, sendo muito mais indispensável para um melhor esclarecimento dos jovens do que a função exercida por quem se limita a transmitir conhecimentos já armazenados e muitas vezes ultrapassados. As conquistas científicas, nos diversos campos do conhecimento humano, possibilitam, sem dúvida, grandes avanços, capazes de melhorar as condições de vida, de saúde, meios de transporte, etc., das coletividades.

Vale ressaltar a opinião de ORTEGA y GASSET (*) sôbre o valor da Ciência e da investigação: "Em seu próprio e autêntico sentido, Ciência é investigação; levantar-se problemas, trabalhar para resolvê-los e chegar a uma solução". "A Ciência é uma das coisas mais altas que o homem faz e produz". "É tão alta a Ciência, que é delicadíssima e — queira ou não — exclui de si ao homem médio. Implica uma vocação peculiaríssima e sobremaneira rara na espécie humana".

Este tipo de Mestre, professor e pesquisador, caracteriza perfeitamente o eminente Neurofisiólogo que estamos homenageando. É por isso que redobram nossas alegrias e esperanças ao recebermos, em nossa jovem universidade, um cientista de tão alto nível.

O Professor Monnier não é apenas um famoso neurofisiólogo, um autêntico Mestre, viga-mestra da elite científica de Paris, bela e histórica cidade, amada capital do povo francês e também pátria do mundo latino; é também um pensador, um humanista, cuja vida deverá servir de exemplo às novas gerações.

Pela sua vida fecunda, marcada de grandes realizações, pode-se aplicar ao nosso mui ilustre homenageado uma frase do imortal MIGUEL DE UNAMUNO: "E o fim da vida é fazermo-nos uma alma, uma alma imortal. Uma alma, que é a própria obra. Porque ao morrer deixamos um esqueleto à terra, uma alma, uma obra à História. Isto quando se viveu, quero dizer, quando se lutou com a vida que passa pela vida que fica". (**).

(*) — ORTEGA y GASSET, J. — Mision de la universidad. Madrid. Revista de Occidente, 1930. p. 66-70.

(**) — UNAMUNO, M. de — A agonia do cristianismo. São Paulo, Edições Cultura |1941| — P. 43.

Discurso de Arthur Coutinho

A concessão do título de Professor "Honoris Causa" pela Universidade Federal de Pernambuco ao Professor Alexander Marcel Monnier constitui uma justa homenagem prestada de acordo com a Resolução do Conselho Universitário, a um dos maiores Fisiólogos dos nossos dias.

Podemos dizer que o Professor Monnier concorreu de maneira decisiva para que a Escola, que tem à frente Nelson Chaves, aprimorasse seus estudos e suas técnicas, neste ramo da ciência tão cheio de atrativos.

Nas várias vezes que honrou a Faculdade de Medicina com suas visitas, proferiu conferências e orientou os especialistas no manejo de técnicas aprimoradas.

Ocupa a Cátedra de Fisiologia na Sorbonne, onde pontificou o gênio de Claude Bernard que, inegavelmente, foi o iniciador das pesquisas na ciência Fisiológica.

Igualmente seu nome está ligado a Lapicque, célebre pelos seus estudos e experimentos no campo da Fisiologia do Sistema Nervoso.

São inúmeros os trabalhos e livros publicados pelo nosso homenageado especialmente no setor da neurofisiologia.

Parece que não estão longe os dias em que teremos a felicidade de ver estudantes brasileiros voltarem as suas vistas para a ciência ensinada na França, que vem a passos largos reconquistando o justo e merecido lugar que ocupou durante tantas décadas, fornecendo livros e ensinamentos aos nossos patrícios.

Aqueles que, como eu, já vão passados em anos, devem se lembrar ainda de como eram feitos nossos estudos, calcados quase todos eles em ensinamentos franceses.

As facilidades que desfrutávamos para adquirir livros, (às vezes até a crédito), nas grandes livrarias de Paris, faziam com que pudéssemos seguir com facilidade, as últimas publicações científicas, divulgadas através dos editores franceses.

Assim, formaram-se várias gerações, principalmente de médicos, que se abeberaram nos conhecimentos da ciência ensinada na França.

Ainda nos nossos dias, podemos destacar, na Congregação da Faculdade de Medicina, os nomes de dois dos mais destacados Professores que fizeram seus estudos de especialização na França. Quero me referir a Romero Marques, cujo nome no tererno da Angiologia tem realce universal, e Manoel Caetano de Barros, notável neurocirurgião, cujo conceito de especialista é também notório.

Mas, como uma homenagem ao Professor Alexander Marcel Monnier não posso me furtar ao dever de citar Nelson Chaves, também de reputação inconteste como um discípulo, que tem sabido honrar seu mestre.

Por tudo que fez em prol do ensino médico na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, queira aceitar, Exmo. Sr. Professor Alexander Marcel Monnier o título de Professor "Honoris Causa" que o Conselho Universitário, em resolução tão feliz, quão justa, resolveu lhe outorgar.

Jarbas Maciel Prepara Um Livro Sobre Teoria Geral dos Sistemas

Estudou Filosofia na Pe., Universidade de Pennsylva (U.S

Ensina Filosofia da Ci a e ria, no Curso de Filosofia, Filos Cultura no Curso de Hist do Tem publicado trabalhos l os à interesse (Epistemologia tífica malização em Ciências Soc, "A da Sociedade e Cultura", nifi

1 — Professor Jarbas Maciel: conheço poucas pessoas jovens mais dotadas para diferentes atividades no mundo do conhecimento. A que ou a quem o sr. atribui essa espécie de simpatia cósmica por tanta coisa ao mesmo tempo? E donde vem sua necessidade de especialização em Filosofia das Ciências?

Bondade sua, evidentemente. Mas você, como todo poeta, caro Angelo Monteiro, tem o dom da palavra — e me cativou com essa sua expressão "simpatia cósmica". É exatamente isso, Angelo. Uma espécie de sintonia com tudo o que é natural, com tudo o que é cosmológico no sentido mais amplo possivel, incluindo o espírito e, por conseguinte, a cultura. Nasci e cresci sob a influência da filosofia oriental. Fui um menino perplexo e, mesmo depois de passar pelo crivo da experiência grega clássica, perplexo continuo até os dias de hoje. Você pergunta pela causa de minha perplexidade. Eis aí um doce mistério. Na realidade, não sei... e todavia, sei! É um misto de nostalgia cósmica, deslumbramento diante do Ser e a alegria eternamente infantil da Vida. Algo muito parecido com essa força misteriosa que move o poeta. E já que poeta você é, talvez este poema famoso de LAO TZÉ (Ode numero 32 do "Tao Tê Ching") ajude a levantar uma ponta do véu:

"Neste mundo,
Compare aqueles do Caminho
As torrentes que fluem
Para os rios e para o mar".

Não será o conhecimento a nossa melhor forma de "caminhada" na Vida? Mas a nossa jornada aqui é tortuosa e tremenda. A Ciência é o nosso cajado. E a Filosofia é como a claridade tenue do luar, alumiando a estrada. E aonde poderia levar o Caminho, senão de volta ao ponto da partida — quer dizer, ao Infinito?...

2 — Quantos estudos já publicou acerca de problemas ligados à Filosofia da Ciência? É verdade que o sr. tem, alem de seus ensaios, um livro pronto sobre tais assuntos?

Tenho publicado pouco, nestes últimos anos, que gosto de chamar de "anos de retiro". No início dos anos 60, escrevi um pequeno estudo sobre a aplicação da Matemática à análise das estruturas ritmicas (musicais) extra-européias, especialmente afro-brasileiras. O nosso objetivo era tornar conhecido do público brasileiro a poderosa técnica de análise musicológica comparada de J. SCHILLINGER, ao mesmo tempo que procurávamos complementar os trabalhos iniciados uma década antes, aqui em Recife, por GUERRA PEIXE (aliás, meu professor de Composição). Mas este projeto falhou e ficou adiado até hoje — algo assim como um bom tema à procura de um livro... Ultimamente, comecei a voltar "à tona" de novo, publicando os primeiros resultados de meus estudos sobre a aplicação da teoria geral dos sistemas à análise social. São dois artigos na "Revista de Estudos Politicos" da UFPe. (1968); um na "Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas" (1970); um na "Revista Brasileira de Filosofia" (1971) e um em "Estudos Universitários" (1971). Sim, é verdade: há, também, um livro sobre sistemas, que estou aprontando para entregar por estes dias a uma editora carioca.

3 — Existe a necessidade de uma Filosofia para as Ciências?

Acho que sim. Este é um assunto, entretanto, bastante "quente". Existe um preconceito moderno contra a Filosofia de um modo geral. Além disso, a Filosofia contemporânea é excessivamente crítica e cética, a ponto de não acreditar em si mesma. Quanto àquele preconceito moderno — de veia acentuadamente positivista, ou neo-positivista — cabe dizer que, como "escola", já está definitivamente superado nos dias que correm, além de bastante fora de moda mesmo nos redutos norteamericanos e ingleses mais "tradicionais". Um sinal dramático disto é a rejeição da maior parte das teses neo-positivistas e neo-empiricistas por EINSTEIN, pouco antes de morrer. (ERNEST NAGEL incluí uma excelente discussão deste ponto em seu livro "Logic Without Metaphysics", Free Press, 1956). Quanto ao ceticismo hodierno — verdadeiro "mal do século" — há muito pouco o que se possa fazer para contrabalançá-lo. Tem-se que aprender a viver com ele. Isso é bom e isso é ruim, para a Filosofia. É bom, porque evita o dogmatismo e inibe a "mania de grandeza" dos inveterados filósofos "criadores de sistemas". Além disso, torna cientistas e filósofos mais humildes, chamando-os ao diálogo e aproximando Ciência e Filosofia de um "ponto de equilíbrio" altamente desejável. Mas é ruim, também. O criticismo e o ceticismo excessivos geralmente escondem uma matriz psicológica tribal e, por conseguinte, anti-democrática. O cético (cientista ou filósofo), quando rejeita a Filosofia como "pseudo-ciência", na verdade está repudiando toda forma de pensar diferente da sua. Isto é venenoso. A Filosofia da Ciência, entretanto, constitui um bom antídoto.

4 — É possivel conceber uma Filosofia da Ciência sem fundamento metafísico?

Acho que não. Mais ainda: acho que não é possível conceber uma ciência sem fundamento metafísico. O "ponto de partida" de qualquer ciência stiua-se, sempre, num domínio que coincide com o objeto da Metafísica. É neste sentido que se pode legitimamente dizer que todas as ciências encontram o seu fundamento último na Filosofia. É próprio da Ciência caminhar "para a frente" e "para cima", sem precisar examinar seu "ponto de partida", embora, hodiernamente, isto se torne cada vez menos válido. (A tendência atual, como em tudo o mais, é a de uma quebra de "fronteiras" e de uma íntima aproximação entre Ciência e Filosofia). Já da Filosofia se pode dizer que lhe é próprio caminhar com toda a liberdade possivel em todas as direções e, especialmente, "para baixo", isto é, em profundidade. Um resultado importante disto é que ela procura examinar criticamente os "pontos de partida" das ciências, quer dizer, os seus fundamentos últimos, em busca de critérios que permitam estabelecer o seu valor objetivo. Esta é precisamente uma das tarefas centrais da Filosofia da Ciência.

5 — Como se coloca diante desse conceito de Leônidas Hegenberg de que "a Filosofia da Ciência, ocupando-se do conhecimento científico, pode ser encarada como disciplina da epistemologia"?

O Prof. HEGENBERG é um pensador seguro. Não creio que ele tenha querido dizer isto de um ponto de vista sistemático, mas apenas como recurso didático para se fazer melhor entender. A não ser assim, não vejo como se poderia aceitar uma tal conceituação de Filosofia da Ciência sem ferir de morte — senão matar mesmo na cabeça — o que há de realmente grande e promissor nessa mesma Filosofia. A Epistemologia é uma **disciplina filosófica**; a Filosofia da Ciência é **filosofia aplicada**. Quero dizer com isto que, no caso da Epistemologia, um aspecto — aliás fundamental — do Ser (a saber: o conhecimento) é isolado e estudado detalhadamente; enquanto que, no caso da Filosofia da Ciência, é **toda a Filosofia** que é mobilizada para estudar sob uma luz totalizadora cada uma das ciências, seus métodos, seus objetos e seus problemas maiores. Ora, estes objetos e alguns destes problemas transcendem francamente a esfera de competência da Epistemologia, como é o caso das Ciências Humanas, que compreendem um aspecto maior do Ser (a saber: o valor). A esfera do valor é **emergente** com relação à esfera do conhecimento. Isto significa que não teria sentido procurar reduzir uma esfera a outra. É evidente que menos sentido ainda teria qualquer tentativa de reduzir a Filosofia da Ciência à Epistemologia — ou à Lógica, à Metafísica, etc.

6 — É possível ao estudioso de Filosofia da Ciência manter uma visão global do conhecimento, sem a tentação e o perigo do cientificismo?

Espero que sim. Deixe-me explicar. Você tocou numa questão quentíssima, agora. Nós vivemos na era das "explosões": a explosão demográfica, a explosão das comunicações (infelizmente, também, a explosão atômica), etc. Nenhuma delas se compara em grandeza, intensidade e sentido à **explosão de conhecimento**, de que é testemunha a Ciência contemporânea. Isto torna o fardo do filósofo da ciência desproporcionalmente pesado. Porque ele terá de encontrar o "meio áureo" entre uma vivência científica efetiva e uma vida de reflxão filosófica, dado que só uma vigorosa interação entre Ciência e Filosofia é que poderá resultar uma especulação realmente útil e frutífera. Estou convencido de que isto constitui um dos mais agudos desafios de nosso tempo.

7 — Explique-nos a diferença entre Ciência e Cientificismo.

Cientificismo é geralmente, "ciência menor". Graças a Deus, é um mal que só ameaça os medíocres e os mesquinhos hoje em dia. E estes, felizmente, não fazem História. A verdadeira Ciência — a "ciência maior" dos GALILEU, NEWTON, KANT, MENDEL, EINSTEIN, PLANCK, e tantos outros (inclusive anônimos) — é inseparável da verdadeira Filosofia, e vice-versa.

8 — Poderia nos dizer a extensão do terma **evidência** em Ciência e quais são os pontos em que esse termo se identifica com as exigências de **verdade** no sentido filosófico?

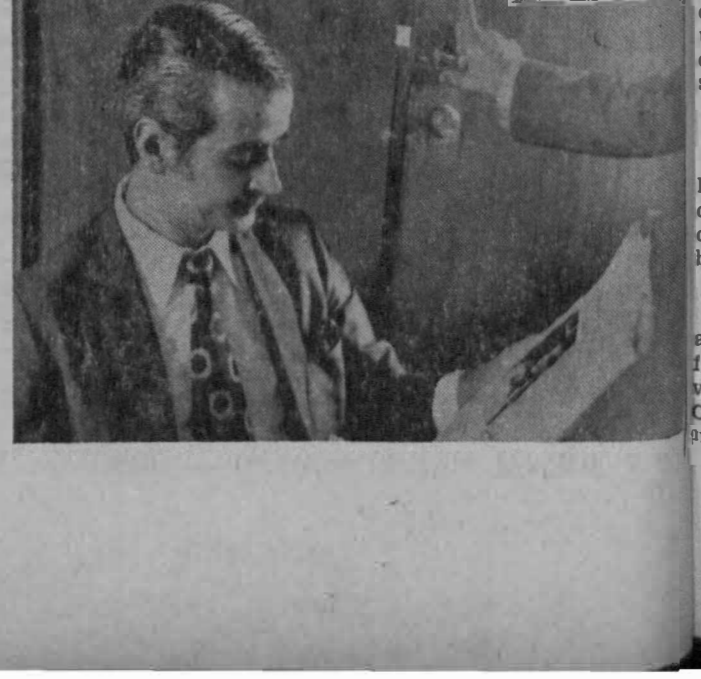
Você aí tocou no nó górdio de toda a verdadeira Ciência e de toda a verdadeira Filosofia. Não é nenhuma coincidência que tudo tenha começado com a descoberta, por SOCRATES, de que o conceito constitui o verdadeiro objeto da Ciência (um postulado que BERKELEY em vão tentou destruir). E, logo depois, com a colocação, por PLATAO, do célebre problema universais, cuja essência consiste em determinar a natureza relação entre conceito e realidade. Um problema, como se vê, semântico, como semântica é a questão que você acaba de levantar. A "evidência" em Ciência e a "verdade" em Filosofia são conceitos definitivamente relacionados, embora não seja tarefa nada simples analisar essa relação. Contudo, não creio que essa relação seja a de identidade. O conceito de "verdade científica" repousa sempre sobre uma massa de "evidência experimental" mas, a rigor, nunca deixa de constituir um processo de **aproximações sucessivas**. Já o conceito de verdade em Filosofia equivale, por assim dizer, ao processo de **passagem ao limite**, em que é dado ao filósofo conceber efetivamente um estado de adequação perfeita entre a idéia e a coisa que ela designa.

9 — Até que ponto podemos dizer que as ciências são responsáveis por muitas mudanças substanciais no seio da Filosofia?

Certa vez EINSTEIN comentou ironicamente o fato de que toda Filosofia é miraculosamente capaz de estabelecer completa congruência entre seus princípios fundamentais e as mais recentes descobertas científicas... Bem, o que eu acho é o seguinte (sem infelizmente poder negar a validade da crítica EINSTEIN): o sucesso de qualquer especulação sobre o ... do (ou sobre um seu domínio isolado) dependerá, sempre, do grau de interação que tiver lugar entre Ciência e Filosofia, que são inseparáveis e essencialmente intercomunicantes (como o próprio EINSTEIN mostrou). A todo o momento, desde que o mundo é mundo, a Filosofia influi sobre a Ciência, e esta sobre a Filosofia. EINSTEIN foi profundamente influenciado pelo neo-positivismo, e WIENER (criador da Cibernética) pelo neo-empirismo. KANT iniciou sua carreira como cientista. Seu primeiro livro, escrito quando ele tinha 20 anos (1744), versava sobre um problema de Física ("forças cinéticas"). DESCARTES e LEIBNITZ foram grandes matemáticos.

10 — É verdade que a Teoria da Relatividade nada tem a ver com uma visão relativista do conhecimento?

É verdade, sim. A Gnoseologia mostra à evidência — e facilmente — que todo relativismo não passa, no fundo, de uma forma de ceticismo. E ninguém mais longe de ser um cético do que EINSTEIN. Isto num plano estritamente filosófico. Cientificamente, a coisa é ainda mais desconcertante. Ao lançar o seu postulado da relatividade do espaço e do tempo, EINSTEIN estava, na realidade, desenvolvendo instrumentos conceptuais que permitissem a identificação dos chamados **invariantes** fundamentais da natureza — e estes consistem preci-



Pe., e Matemática, na (U.S.A.).

a e Filosofia da Histó- Filosofia da Arte e da do IFCH da UFPe. s à sua área de maior tífica), como "A For-, "A Definição Direta nificação das Ciências pela Teoria Geral dos Sistemas", "Filosofia e Explicação Histórica", "A Teoria Clássica e a Teoria Moderna da Relação", etc. Está concluindo um livro para uma editora do Sul do país — "Elementos de Teoria Geral dos Sistemas". Dedicou-se, também, desde muito cedo, à Música e Arte Brasileiras e aos estudos de Filosofia da Arte antiga e moderna, tendo publicado vários estudos sobre Música e Arte Brasileiras. Foi aluno de Composição, de Guerra Peixe, e de Estética e Filosofia da Arte, de Ariano Suassuna — a quem considera, depois de Euclydes da Cunha, o fato mais importante da Literatura Brasileira nos últimos tempos.

— Escreveu algumas peças musicais, que classificou de "incidentais, coisa de pesquisa", como "A Pedra do Reino" — variações armoriais sobre um tema sertanejo, para duas flautas e cordas; "Visões", 3 peças nordestinas para piano, e outras.

samente em tudo aquilo que não é relativo a este ou àquele sistema de referência a que esteja vinculado o observador.

11 — Como se coloca ante as tendências dogmáticas de uma Ciência que pretende se tornar no veículo de salvação universal? Acha que essa pretensão tem algo a ver com uma redescoberta ou um ressurgimento do positivismo?

Sou contra toda tendência dogmática. Mas é preciso não perder de vista a verdadeira razão do imenso prestígio da Ciência em nossos dias: o seu enorme valor como interpretação adequada do mundo. Quanto a uma possível revivescência do positivismo, precisamos ser mais cuidadosos. A ameaça é real e constitui uma herança retardatária do otimismo racionalista dos séculos XVII e XVIII, inteiramente esvaziada, entretanto, pelas sucessivas e dramáticas "crises de fundamentos" do século XIX e das primeiras décadas do século atual. O positivismo e demais concorrentes afins perderam já o seu potencial de fazer História, desde algum tempo. Além disso, os sucessos da tecnologia já começam a ser amplamente contrabalançados pelos tremendos problemas que ela vem criando — poluição do meio ambiente, guerra nuclear, alienação e desumanização do homem, desemprego, etc. Bem provavelmente, o século XXI acabará d uma vez para sempre com a ilusão (em grande parte criada pela Ciência) de que a salvação da humanidade ou a felicidade poderão ser encontradas fora do Homem. E aí é que entra a Filosofia. Se você me permite um pouco de Futurologia, direi que os próximos 100 a 150 anos presenciarão uma acentuada espiritualização do mundo, em dramático contraste com a materialidade dos dias que correm. A maré estará botando para o lado da Filosofia, da Arte e da Religião.

12 — Contra as soluções lógicas adotadas em nossa civilização vê lugar para uma vitória das soluções mágicas?

Para uma "vitória", não; mas para uma coexistência heurística, como por certo ocorria na Antiguidade, sim. Mas agora você está falando de injustiças milenares — e isso mexe com a gente. A Magia tem sido uma grande vítima. No pé em que estão as coisas, você arrisca a sua reputação só em dizer-lhe o nome. Inicialmente, foi a onda racionalista que varreu a Europa a partir do século XVI; em seguida, o apogeu do mecanismo seguido dos triunfos retumbantes da técnica, os quais se prolongam até os dias de hoje; e finalmente, nestas últimas décadas, a onda materialista induzida pelas revoluções comunistas e socialistas em diversos países — resultado: gerou-e uma mentalidade inteiramente oposta a algumas das mais caras e preciosas dimensões do homem, todas elas absolutamente situadas fora e acima do domínio do lógico, do racional, do consciente. De acordo com essa mentalidade, não há no homem, nem no mundo, lugar para o mistério, o fantástico, o sobrenatural. Esquecem-se todos de que, sem Magia, não teria surgido a Ciência, nem tão pouco a Arte. Poderíamos dizer o mesmo da Filosofia e da Religião. Acontece que essa ênfase desesperada do homem tipicamente ocidental no poder da razão revela apenas a enorme vastidão de sua falta de "sintonia" e de sua insegurança. Há muito, muito mais no homem e no mundo do que aquilo que, até hoje, tem cabido nos limites estreitos do racional e do consciente, deste ou daquele homem, desta ou daquela geração, desta ou daquela civilização — enfim, desta ou daquela humanidade. Acredito que o próximo século será um século logomágico, isto é, um período de extraordinário desenvolvimento científico sem preconceitos, mas também sem superstições.

13 — Sendo um compositor musical erudito de grande talento, como consegue conciliar preocupações científico-filosóficas com aquelas propriamente musicais? Ou, melhor dizendo, como concilia o exercício e não apenas as preocupações, em ambas as esferas?

Acredito na unidade essencial de todo o saber. Quando você analisa as coisas assim de um ponto de vista ontológico, as fronteiras se dissolvem e, com elas, as velhas discriminações de valor meramente didático. Para mim, Arte, Religião, Filosofia e Ciência (nessa ordem) constituem as faces distintas de um mesmo poliedro — a Cultura. É unicamente dentro dessa perspectiva que se pode entender por que a Filosofia e a Matemática eram domínios tão familiares a homens como DESCARTES e PASCAL, ou a Ciência e a Arte a homens como DA VINCI e BORODIN (este último, o famoso autor das "Danças Polovetzianas", era médico e professor de Química na Academia de Medicina de São Petersburgo). O processo da criação é um só e, a partir de determinado ponto, você fica sem saber quando, por exemplo, a Matemática deixa de ser ciência para assumir a forma de filosofia (como aconteceu com a obra de HUSSERL), ou a forma de arte (como aconteceu com a obra de SCHILLINGER). Se você me permite, cito estes outros versos de LAO TZÉ:

"Há muitos caminhos, porém o Caminho
permanece sem mapas (...)
O segredo espera pela visão profunda (...)"

Positivamente: o mundo — a Vida, a Natureza, a Cultura — é, para o caminhante, uma eterna maravilha. Há muito, muito o que ver. E, para isso, tudo o que você tem realmente que fazer é o que o Cristo recomendava há dois mil anos: bater, para que se abra; pedir, para que se dê...

14 — É verdade que o sr. já inventou até um relógio para marcar os ciclos lunares e os movimentos dos astros, além de ter confeccionado mapas e telescópios? Como encontra, ainda, disponibilidade para exercer o ensino, inclusive, de outras disciplinas filosóficas (como Filosofia da Arte e da Cultura e Filosofia da História), para escrever tratados filosóficos e, ainda por cima de tudo, compor uma das obras musicais mais representativas do momento?

Esta sua pergunta me faz lembrar uma época "heróica" em minha vida. Eu era ainda muito garoto, estudava Matemática, lia tudo sobre Religião (principalmente escrituras sagradas dos povos orientais e a Bíblia) e aprendia a tocar violino. Eram anos grandiosos aqueles, em que eu descobria BEETHOVEN e evoluía rapidamente até DEBUSSY, para então começar de novo a espiral, descobrindo STRAWINSKY e, através de seus "retornos", voltar a CORELLI, VIVALDI e BACH. Um dia, inesperadamente, eu fiz uma "descoberta" desconcertante: a concepção grega de Matemática! Isto aconteceu quando eu li a "Aritmética" de NICÔMACO DE GERASA, um matemático e filósofo neo-pitagórico que viveu no primeiro século da Era Cristã. NICÔMACO era amigo de um certo TRÁSILO DE MENDES, um compositor que vivia no reino de TIBÉRIO e que, aparentemente, muito o influenciou a escrever a sua "Introdução à Harmonia" — que não era um livro de Música, mas sim de Astronomia. Não sei porque, daquele momento em diante eu compreendi que toda a Geometria, toda a Aritmética, toda a Álgebra e toda a Trigonometria que eu havia aprendido no Ginásio tinham sido apenas meio-aprendidas, porque me foram apresentadas fora do contexto filosófico e científico-natural da época em que nasceram. Naquele exato momento eu era que nascia para a Filosofia Ocidental. E tomei a peito a tarefa maravilhosa de re-aprender toda a Matemática que então dominava, percorrendo paulatinamente o que me pareciam ter sido as primeiras trilhas cosmográficas abertas pelos filósofos Jônicos. A "Geometria" de EUCLIDES foi, assim, transformada numa geometria celeste, de inexcedível beleza, que me cativou e me fez adoecer de uma estranha "febre" de Astronomia e Cosmologia da qual realmente nunca fiquei curado. Mais tarde, quando estudava Matemática numa Universidade fora do Brasil, eu aproveitava os meus trabalhos escolares para construir planisférios celestes rotatórios calculados para a latitude de Recife, bem como relógios solares e, até, uma tentativa de um relógio lunar (esta não muito bem sucedida). Simples — porém belíssimos — exercícios de geometria celeste... Procurei re-estudar a Astronomia elementar de posição através dos mesmos meios rústicos de observação dos gregos. Cheguei a "reviver", assim, algo do espírito daqueles tempos longínquos — e fiquei fascinado. Depois construí um astrolábio, à maneira renascentista e cheguei a reviver algo do espírito da época dos descobrimentos. Acredite-me que a Filosofia e a Matemática aprendidas assim — isto é, através da vivência real dos problemas cosmológicos e filosóficos no seio dos quais elas nasceram — possuem sabor extraordinariamente cativante e diferente de tudo o mais que eu conheça ou já tenha visto em matéria de Educação. Acontece, Ângelo, que, de lá para cá, não tenho cessado de re-aprender tudo o que aprendi (e aprendo) segundo as correspondentes perspectivas históricas, coisa que eu faço com a mesma estranha "febre" do "período jônico" de minha formação. Em qualquer esfera — seja a da Filosofia da Arte e da Cultura, seja a da Filosofia da História ou, ainda, a da Música — é o mesmo impulso misterioso a agir, como se eu estivesse profundamente convencido de que "(...) o segredo espera pela visão profunda". E estou.

15 — Todo o mundo lhe tem na conta de pessoa altamente espiritualizada. Então me responda a três perguntas simultâneas: qual o papel que a Religião exerce em sua vida? Como encara esse filisteísmo moderno de dessacralizar todas as coisas, até a Religião? E qual sua impressão acerca do crescente materialismo de teólogos e doutrinadores nas diversas confissões cristãs?

O sentimento religioso — tal como o sentimento estético — é fundamental. Creio que ele tem muito que ver com aquele "impulso misterioso" ao qual acabo de me referir. Quanto ao filisteísmo atual da dessacralização, trata-se, sem dúvida, de uma reação adversa ante a "onda" de materialidade do nosso século. Mas não há lugar aqui para ilusões: é a História, mais uma vez, escrevendo certo por linhas tortas. A Religião, como tudo o que é valioso, tem a sina trágica de atrair os falsos profetas e os aventureiros. Mas agora, a História já começa a vomitá-los inexoravelmente — e isto é salutar, embora muitas vezes seja difícil de entender. Tudo isto tem o seu lugar e a sua função certa nesta nossa grande caminhada. Agora, nem todos são bons caminhantes. Tão pouco estão prontos para enexrgar o Caminho. Preferem seguir os atalhos fáceis, ainda que de destinos duvidosos. A nossa época marca um tempo de provação universal. Nem mesmo a Igreja Cristã foi poupada. Tempo de separar o joio do trigo. Tempo, portanto, de "orar e vigiar"...

16 — Como Professor também de Filosofia da História, que acha da concepção providencialista, de origem judaica, que informa alguns dos nossos historiadores mais ilustres? Não será apenas uma esperança ingênua, apesar de muito boa, diante da constatação, cada vez maior, de um caráter cíclico na experiência humana dos povos?

Não acho que tudo tenha sido realmente dito a respeito da visão providencialista da História. Acho mesmo que, dentro dos padrões atuais do conhecimento humano, o mais importante não possa ser dito. Daí parecer inevitavelmente ingênua a concepção judaica da História, apesar da contribuição formidável de um VICO, um HEGEL, um SPENGLER e um TOYNBEE. Assim, da maneira como está colocada a questão hoje, não vejo como se possa conciliar satisfatoriamente a visão providencialista com a visão cíclica da História, esta última particularmente difícil de desprezar.

17 — Qual sua concepção sobre modernidade?

Essencialmente isto: liberdade, independência e humanismo. Liberdade responsável, é claro, pois de outro modo o que se teria era a libertinagem e a anarquia. Uma liberdade que não é a rebeldia fácil, mas uma liberdade "sintonizada" com o patrimônio valioso do Passado e, todavia, incondicionalmente comprometida com o seu próprio tempo. Aproveitando as palavras de ROGER BACON: liberdade de "olhar para o mundo". Independência, no sentido do direito de criar — seja em que sentido for: na Arte, na Ciência, na Filosofia, na Religião ou na própria Vida — sem as peias e os cacoetes da tradição. Humanismo, numa acepção essencialmente prometeana. Todos estão lembrados do argumento central da tragédia de ÉSQUILO. PROMETEU, herói ou semi-deus grego, é cruelmente punido por ZEUS por ter trazido do Olimpo e dado à Humanidade a cultura. Roubando de HEFESTO e ATENAS as "artes mecânicas" e o "segredo do fogo", PROMETEU habilitou a raça humana a que sobrevivesse com o fruto de seus próprios esforços e evoluísse até a civilização — embora, por ter tomado assim o "partido" da Humanidade, tenha sido condenado pela Divindade ao tormento eterno. O mito de PROMETEU, que coloca o problema da tensão perene entre o Humano e o Divino, representa uma solução — no meu entender a única solução — da questão filosófica do valor da cultura humana. Creio estar na essência da modernidade afirmar esse valor, além e acima de tudo.

Medicina Agora Tem Novo Diretor

"Somos, na verdade, uma grande família imbuída da mística de fazer desta Faculdade uma unidade que progrida dia a dia, na ânsia de fazer o melhor pelo engrandecimento do ensino médico brasileiro. Como em toda família que se preza, possuímos pessoas que procuram atingir a meta desejada, empregando seus esforços de acordo com suas personalidades" — afirmou o Prof. Artur Coutinho, na solenidade de sua posse na direção da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco.

A solenidade, presidida pelo Reitor Marcionilo Lins, realizou-se no auditório da Faculdade, na presença de grande número de amigos, autoridades, Professores e funcionários. Foi saudado pelo Prof. Dr. Rui João Marques que, ao salientar as altas qualidades do Dr. Artur Coutinho, o fez numa peça de rara beleza pelo estilo e imagens empregados.

CONCLAMAÇÃO DE ESFORÇOS

"Todos estão cônscios de suas responsabilidades e têm em mente batalhar no melhor estilo para que tenhamos um ensino médico que honre as nossas tradições" — afirmou o Prof. Artur Coutinho, e prosseguiu: "Ao Diretor cabe ouvir, moderar e aceitar as decisões emanadas dos Colegiados, que na verdade são os que representam a opinião e tendências da maioria destes plantação de uma reforma a orgãos. Em uma fase de imser instalada, o elemento executivo deve contar com o apoio dos componentes todos para que possa cumprir sua tarefa. Sei que para muitos não é fácil a adaptação e algumas das recomendações contidas nos textos da atual reforma, que transformou, inclusive, a maneira de escalonamento de algumas disciplinas e determinou a instituição do regime de créditos. Mas estou certo de que, com um pouco de compreensão, haveremos de vencer os pequenos empecilhos que se apresentarem".

O HOSPITAL DAS CLÍNICAS

Em outro tópico de seu discurso ,afirmou o Prof. Artur Coutinho: "Lembremo-nos, porém, que o nosso timoneiro, o Magnífico Reitor Marcionilo de Barros Lins, estabeleceu como uma das suas principais metas, a construção do nosso próprio Hospital das Clínicas, que foi o grande sonho do criador da Universidade Federal de Pernambuco, o Magnífico Reitor Joaquim Amazonas". Em outra ocasião, disse o Prof Artur Coutinho, referindo-se a medidas tomadas recentemente pelo Prof. Reitor Marcionilo Lins: "graças aos esforços do atual superintendente do Hospital das Clínicas, Prof. Nelson Moura, foi assinado um novo acordo com a Santa Casa e a Universidade, mercê do qual iremos dispor de importantes áreas que permitirão uma racionalização no atendimento aos pacientes e maiores facilidades para o ensino, enquanto será concluída a construção do novo Hospital".

CORAGEM PARA ENFRENTAR A LUTA

Reconhecendo ter à sua frente uma árdua tarefa, o Prof Artur Coutinho disse dos seus propósitos de impulsionar a obra científica e administrativa, certo da cooperação dos corpos docente e discente, assim como dos demais funcionários irmanados para atingirem as metas traçadas

A LISTA SEXTUPLA

O Professor Artur Barreto Coutinho foi nomeado para as funções de diretor da Faculdade de Medicina por ato do Presidente da República, figurando na lista sextupla, eleita pela Congregação e enviada ao Ministério de Educação e Cultura para a escolha do novo diretor daquela unidade universitária. Nas funções de Vice-Diretor, o Prof. Artur Coutinho já vinha respondendo pela direção, com o fim do mandato do seu antecessor, Prof. Hélio Mendonça.

Atividades da Clínica de Urologia do Pedro II

Cada semestre recebemos 120 alunos do quinto ano de Medicina que se preparam, sobretudo na parte prática da cadeira de Urologia, Clínica do IX Departamento do Hospital das Clínicas (D. Pedro II) da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco. Esses alunos têm uma aula teórica por semana e as demais práticas, convivendo conosco na enfermaria, observando os casos dos pacientes internados.

Explicou à reportagem o Prof. Saulo Suassuna, diretor da Clínica Urológica do Pedro II, que conta com um ambulatório, salas de Endoscopia e de Cirurgia, além da enfermaria São Tomás com 24 leitos.

TRABALHOS EM ANDAMENTO

Elaborados pela equipe médica da Clínica Urológica encontram-se vários trabalhos em andamento, como, por exemplo, um estudo sobre **Ligadura prévia das Hipogástricas nas Prostatectomias; Medida da Pressão Venosa nas Prostatectomias; Sindrome da veia ovariana; Estudo comparativo entre as Prostatectomias Retro-Púbicas e Supra Púbicas,** além de um trabalho em colaboração com a Clínica Vascular Periférica do Prof. Romero Marques.

O movimento na Clínica Urológica é bastante intenso, do que dá testemunho o programa de uma semana: 14 intervenções cirúrgicas.

CURSO PROGRAMADO

Com uma carga horária de 240 horas, está programado para o mês de março um Curso de Urologia para médicos.

Ao lado do Prof. Suassuna trabalha uma equipe de especialistas em Urologia: Dr. Valter Costa, Dr. Marcilio Costa Lima, Dr. Luís Numeriano, Dr. Carlos Pereira, Dr. Rui Pinto Cunha, Dr. Luiz Moreira e Dr. José Aureliano C. Pires.

Adjuntos à Clínica Urológica temos dois monitores, médicos recém-graduados e três estagiários do sexto ano de Medicina.

Bianor da Hora Discorda Dos Cadernos de Anatomia

O Professor Bianor da Hora, titular da Cadeira de Anatomia da Universidade Federal de Pernambuco, respondendo a um ofício da Diretora do Instituto Nacional do Livro. a propósito de publicações de cadernos ilustrados sobre Anatomia, afirmou que "receio que a simplificação exagerada condiciona a puerilização do universitário, que com o hábito de imediatismo científico, flutuará na superfície por falta de impulso motivador da indagação".

A Diretora do Instituto Nacional do Livro, pediu ao Professor Bianor da Hora um parecer sobre uns cadernos resumidos de Anatomia publicados por aquele Instituto.

PARECER

Na íntegra, o parecer do conhecido anatomista pernambucano é o seguinte:

"Examinei com interesse a tentativa da programação para o estudo de Anatomia e Fisiologia e fiquei muito bem impressionado com a maneira simples da exposição e o seu caráter objetivo.

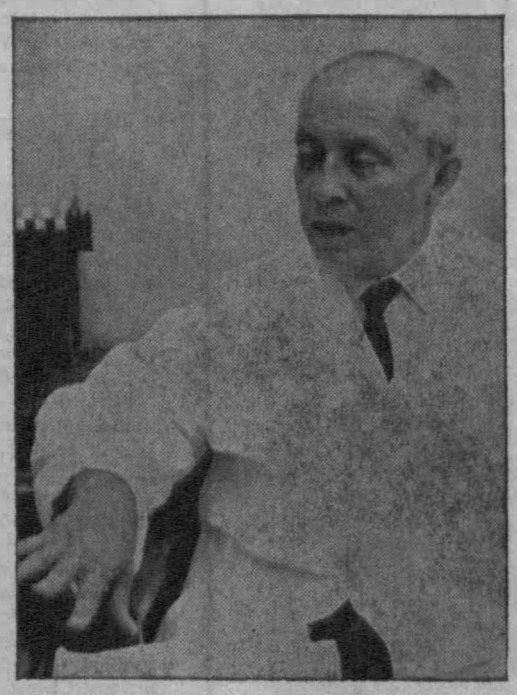
Texto resumido, ilustrações singelas, porém, esclarecedoras. O ponto alto dos cadernos ilustrados para o estudo da Anatomia e da Fisiologia é, no meu entender, o inquérito que nele está contido representado pelo preteste e o posteste. As múltiplas modalidades de indagação permitem uma aferição do domínio da matéria, antes e depois da leitura do caderno. O método em vaivem, possibilita a aprendizagem e a consolidação da idéia correta.

Acredito ser altamente meritória a adoção pela Universidade desse dispositivo tutor, sobretudo quando ela se superpovoa. Aumenta a demanda a cada ano e a simplificação dos métodos de oferta de conhecimentos científicos impõe-se.

Considero irrefreavel o meu temor quanto ao futuro de gerações mal lastreadas. Sou adepto da simplificação e da modernização metodológica, mas não sou radical ao ponto de contraindicar livros textos para os alunos manusearem e aprofundarem os seus conhecimentos. Receio que a simplificação exagerada condicione a puerificação do universitário, que com o hábito do imediatismo científico, flutuará na superfície por falta de impulso motivador da indagação.

Os cadernos são subsídios bem sequenciados e nunca substitutivos dos livros-textos e dos atlas bem sistematizados.

Anatomia como Fisiologia são trilhas truncais que precisam de ser familiares aos estudantes das áreas biológicas, caso contrário não atingirão as suas metas ou o farão fatigados e desiludidos".



Lamartine de Hollanda Estuda Transe Hipnótico

A equipe do Grupo de Estudos Psicológicos e Psiquiátricos, sob a coordenação do Professor Lamartine Hollanda Júnior, vem desenvolvendo pesquisas de alto nível, no campo da Hipnose. Recentemente foi realizado transe hipnótico com algumas personalidades de destaque nos círculos sociais e universitários, com resultados animadores.

Declarou o Professor Lamartine Hollanda, que integra o corpo docente do Curso Superior de Reabilitação da Universidade Federal de Pernambuco, que outras experiências estão sendo feitas, com industriais e altos executivos, visando a uma técnica que leve à produtividade das elites pensantes.

CRIATIVIDADE E HIPNOSE

Acrescentou que vem alcançando repercussão internacional a série de observações que a Comissão de Hipnose do Setor de Psiquiatria do GEPP está fazendo sobre o incremento da capacidade criadora sob Hipnose.

Considerando o Transe Hipnótico como uma conduta padronizada (por acordo tácito entre hipnotizado e hipnotizador) superposta a um estado emocional intensificado (o qual é a hipnose propriamente dita), pensou-se que a liberação do Inconsciente Criador que se sabe poder-se obter em determinados estados emocionais, poderia ser positivamente dirigida para um aumento da produtividade intelectual.

O Físico Nuclear italiano, Cario Borghi, que dirige o Centro de Energia Nucelar da Universidade Federal de Pernambuco, informou ao Prof. Lamartine Hollanda Júnior que estava desenvolvendo uma série de estudos sobre o tempo como medida (e sua identidade essencial com as outras medidas do "continuum" espaço-tempo), juntamente com o também Físico Nuclear italiano, Atílio Dall'Olio.

TÍTULO

O Prof. Lamartine Hollanda Júnior recebeu o título de Professor Honorário da "Escuela de Sofrologia y Medicina Psicosomática" da Argentina e foi agraciado com o Título de Presidente Honorário da "Sociedad de Sofrologia y Medicina Psicosomática" do Equador, por ocasião do III Congresso Panamericano de Hipnolog.a e Medicina Psicossomática, realizado no México, do qual foi Secretário Panamericano; pouco antes, como Presidente do II Congresso Brasileiro de Hipnologia, havia recebido a Medalha da Associação Brasileira de Hipnodontia e sido escolhido Membro Honorário da Sociedade Brasileira de Hipnose Médica (GB).

Angiologia se Valoriza Como Setor da Medicina

A Angiologia já se impôs na Medicina moderna como uma especialidade que tem seus meios próprios de diagnóstico que a valorizam sobremodo. O Departamento de Cirurgia foi muito feliz quando atribuiu às várias disciplinas cirúrgicas o trabalho de especialização, — declarou o Prof. Romero Marques. diretor do Instituto de Angiologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco.

Assim, o ensino integrado, — prosseguiu o Prof. Romero Marques — proporciona ao universitário os conhecimentos básicos e fundamentais de angiologia, de neurocirurgia, de cirurgia torácica, de cirurgia abdominal assim como de cirurgias urológica e traumatológica

ESPECIALIZAÇÃO E PESQUISA

E adiantou: "No setor propriamente de Angiologia. além dos cursos regulares de graduação, realizamos cursos de atualização e de especialização para médicos e recém-formados que querem dedicar-se a este fascinante campo que é a moderna Angiologia".

No que diz respeito a pesquisas — frisou o Prof. Romero Marques — já de muito tempo vimos trabalhando em pesquisas clínicas como por exemplo, sobre **os linfáticos,** procurando um esclarecimento físio-patológico sobre os **linfedemas** crônicos progressivos e também no setor da anatomia bem como dos modernos meios de exploração, tais como a linfangiografia e o emprego de radiosótopos.

OS PEDIDOS PARA 1972

Já contamos com vários pedidos de recém-formados em medicina para o corrente ano, o que nos dá imensa satisfação. Para a realização de pesquisas em Angiologia contamos, portanto, com essa turma jovem para atuar com precisão nos dias vindouros — continuou.

Não somos ricos todos sabem, — disse — mas nossa aparelhagem é regular, dá para ir levando e não atrapalha a quem, realmente, quiser dedicar-se com seriedade ao estudo e às pesquisas.

Participação

O Diretório Acadêmico da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Pernambuco homenageou o diretor da Divisão de Assistência ao Estudante e sub-coordenador do Programa de Bolsa de Trabalho, em Pernambuco, bacharel José de Ribamar e Souza, em face da sua atuação em prol das reivindicações do corpo discente das instituições de ensino.

Coube ao acadêmico Evanildo Marques de Almirante saudar o homenageado, em nome do corpo discente de Ciências Econômicas, tendo feito um retrospecto das atividades de José Ribamar à frente dos órgãos acima mencionados. Ofereceu-lhe um livro placa de prata com a seguinte legenda:

"O Diretório Acadêmico de Ciências Econômicas da UFPe. homenageia o líder democrata estudantil, José de Ribamar e Souza".

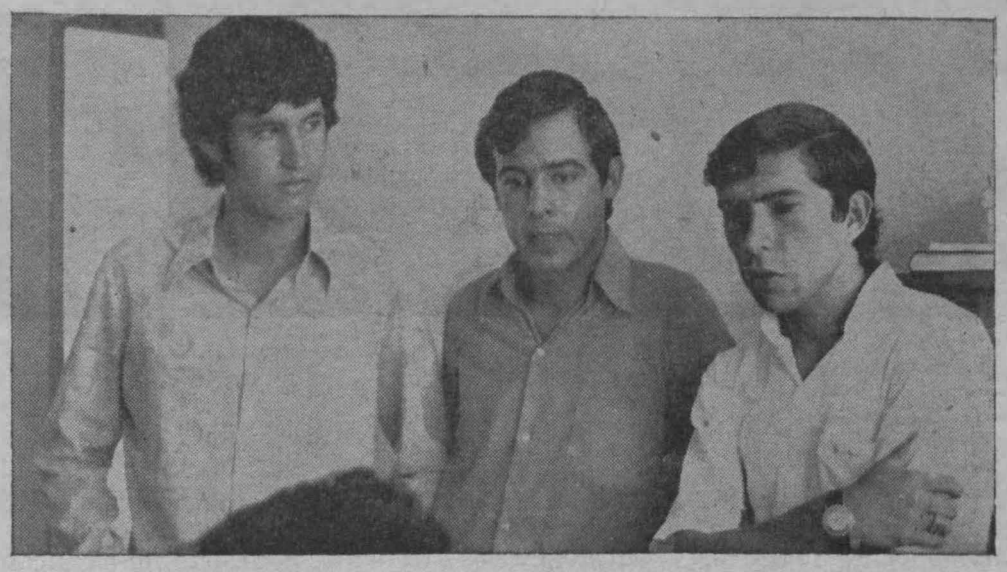
EMOÇÃO

Um pouco emocionado, Ribamar agradeceu a manifestação que lhe foi tributada.

Entre os convidados, encontrava-se o médico Luiz Gonzaga, ex-presidente do Diretório Central dos Estudantes da FESP, o qual usou da palavra dizendo, entre outros pontos, que acabava de presenciar uma homenagem fiel e merecida.

O acadêmico João Geraldo, presidente do DA de Economia, encerrou a solenidade pronunciando breves palavras, seguindo-se um coquetel.

Bolivianos Classificaram-se No Ciclo Geral



Em decorrência de acordo existente entre o Itamarati e países latino-americanos, para o intercâmbio cultural no âmbito das instituições de ensino superior, estudantes brasileiros que tenham concluído o segundo ciclo ou equivalente podem ingressar em Universidades desses países e vice-versa. Dentro desse plano, cinco estudantes bolivianos decidiram conhecer o Brasil.

Robin Rivero, Mauro Bello, Orlando Noya, Alejandro Justiniano e Cesar Cronenbol são os integrantes desse quinteto boliviano que integra o corpo discente da Universidade Federal de Pernambuco, matriculados nas diversas áreas do saber, em cursos de graduação. Residem em pequeno apartamento localizado próximo à Reitoria, numa espécie de mini-república estudantil.

RAZÕES

Entrevistados pela nossa reportagem, confessaram que a razão mais importante que os motivou deixarem a Bolívia para estudar no Brasil, foi a necessidade de conhecer o exterior, tendo escolhido o nosso país, por ser considerado o maior da América do Sul.

De São Paulo para cá enfrentaram uma série de contratempos, a fim de chegar ao destino desejado. Em face do pouco dinheiro de que dispunham, o transporte tornou-se mais difícil, sendo, por isso, obrigados a pedir algumas caronas. Enfrentaram dificuldades também de ordem lingüística, porque não sabiam falar português, surgindo, com efeito, embaraços de diálogo com os brasileiros.

CLASSIFICAÇÃO

Em 1971, os cinco bolivianos cursaram o ciclo geral da Universidade Federal de Pernambuco, obtendo boa classificação ao final do ano letivo. Lograram então os créditos exigidos para requerer matrícula no segundo ano dos cursos de sua preferência: Arquitetura, Medicina e Engenharia, enfrentando a concorrência dos seus colegas brasileiros, principalmente porque esses cursos despertam maior interesse, isto é, são alvo de maior número de opções.

IDENTIDADE

Na opinião dos jovens universitários bolivianos, existe semelhança cultural entre o seu país e o Brasil. Tal como ocorre aqui, também na Bolívia, não existem maiores problemas raciais. Observaram, entretanto, que os estudantes brasileiros, no que diz respeito à religiosidade, são menos piedosos do que os bolivianos, porque estes costumam frequentar regularmente as igrejas aos domingos.

É raro, entre os jovens daquele país, o consumo de drogas. A presença de "hippies", lá, é muito rara, embora tolerada. Falando da sua música, declararam que a música folclórica apresenta três fases: a Taquirari, a Cueca e a Huaino. A primeiar representa a face oriental do País, abrangendo os Estados de Santa Cruz, Beni e Pando; a segunda representa as tradições de Cochabamba, Sucre e Potosi; a terceira espécie folclórica traduz o sentimento musical dos demais Estados bolivianos.

Explicaram que, dentre as três espécies mencionadas, destaca-se o Taquirari como a mais alegre, apresentando uma espécie de ritmo carnavalesco típico da Bolívia. A Cueca é menos festiva, enquanto o Huaino é a expressão musical mais dolente de todas. Entretanto, tal como sucede no Brasil, há muito maior penetração da música popular importada prejudicando, com efeito, a valorização dos valores musicais próprios daquele país.

MULHERES E DIVÓRCIO

Fazendo uma análise comparativa entre as mulheres bolivianas e as brasileiras, os jovens estudantes consideram estas tão belas quanto aquelas. O comportamento social de ambas é idêntico e tanto aquelas quanto estas são bastante respeitadoras das normas morais consagradas pela tradição.

A Bolívia, ao contrário do Brasil, instituiu o divórcio há vinte e cinco anos, apresentando-se, portanto, socialmente mais adiantado do que os brasileiros, nesse aspecto. Lá a legislação divorcista não prevê limites nem restrições em sua aplicação, contrariamente ao que acontece em outros países.

HOSPITALIDADE

Para eles, o ambiente universitário do Recife é "particularmente excelente, muito descontraído, existindo espírito de coleguismo entre os nossos estudantes". De modo geral, estão contentes com a hospitalidade de que foram alvo aqui. Por isso e por outros fatores, pretendem concluir os cursos que escolheram, na Universidade Federal de Pernambuco.

Cientista Philip Allison Fez Conferência no Recife

A convite da Universidade Federal de Pernambuco, esteve, no Recife, o cientista Philip Allison, da University of Oxford, Inglaterra. Aqui pronunciou uma série de conferências sobre a sua especialidade — cirurgias da região torácica. A Sociedade de Medicina de Pernambuco e o Hospital das Clínicas (Pedro II) foram os principais centros onde o cirurgião inglês proferiu suas palestras que contaram com a participação de professores, acadêmicos e outros profissionais da área de saúde.

Coube aos professores Luiz Tavares da Silva e Hindenburg T. de Lemos, respectivamente diretor do Centro de Cirurgia Cárdio-Vascular e Pesquisas Cardiológicas da UFPe. e da Sociedade de Medicina de Pernambuco, coordenar as atividades científicas do cirurgião Philip Allison, no Recife. Alguns dos principais títulos do ilustre visitante: F.R.C.S.; M.S. (Oxon); Diretor do Nuffield Department of Surgery da Radcliffe Infirmary; Chair Professor of Surgery, Oxford University Medical School; Fellow do Balliol College de Oxford, Inglaterra.

MARCHA DO PROGRESSO

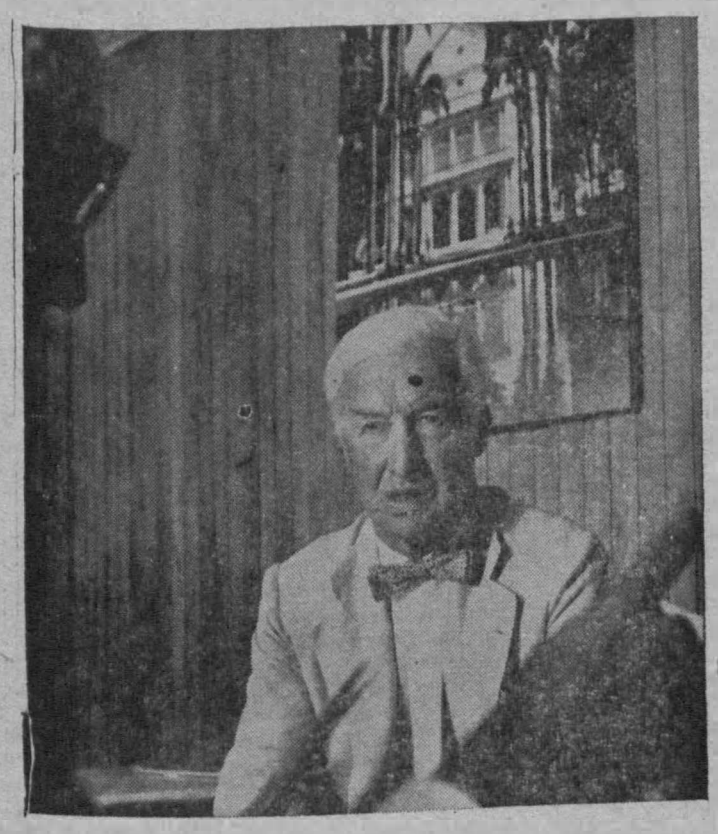
O Professor Philip Allison, catedrático de Cirurgia Torácica da Universidade de Oxford, Inglaterra, ao informar que a Ciência Médica da Universidade Brasileira vem acompanhando a mesma marcha do progresso e desenvolvimento notável do mundo inteiro, adiantou que é favorável ao tipo de Universidade "onde os estudantes se reunem em pequenos grupos dando a responsabilidade de ensino e critério de conduta apenas ao Professor, tornando, assim, o ensino mais tutorial, onde o mestre seria uma espécie de guia dos estudantes".

O catedrático inglês esteve visitando o Centro de Cirurgia Torácica da Faculdade de Ciências Médicas, a convite de sua direção. Na Sociedade de Medicina de Pernambuco, pronunciou uma conferência sobre "Estado Atual das esofagites e hérnia hiatal". A sessão foi presidida pelo reitor Marcionilo Lins, da UFPe., e a mesa contou com a participação dos Professores Artur Coutinho, Valdemir Miranda, Hindenburg Lemos e Luiz Tavares. Uma numerosa assistência, integrada por médicos, professores e estudantes de Medicina esteve ouvindo a conferência do Prof. Philip Allison.

INTERCÂMBIO

O Prof. Philip Allison visita o Recife pela quarta vez. Salienta que o intercâmbio entre nossa Universidade e a de Oxford, já desenvolvido por seu intermédio, continuará cada vez mais em progressão:

— A universidade brasileira está fazendo coisas muito boas, dignas de serem consumidas também por nós. Ainda é necessária uma preocupação mais objetiva para oferecer aos estudantes um programa prático disso tudo que ele estuda, para que tenha oportunidade de realizar o que aprende.



O professor Philip Allison

CECINE PREPARA PROFESSORES DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

O Centro de Ensino de Ciências do Nordeste dá continuidade aos cursos de formação de Professores em Ciências e Matemática. Esses cursos são financiados pela SUDENE e PREMEN (Programa de Expansão e Melhoria do Ensino). Conta com a participação de 115 alunos das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

O Curso de Licenciatura de Curta Duração em Ciências e Matemática promovido pela SUDENE, UFPe. através do CECINE, conta com 35 participantes vindos do Maranhão, Piauí, Rio G. do Norte, Pernambuco (interior), Alagoas e Sergipe. Teve início a 24 de janeiro com uma carga horária de 2.430 horas.

Ambos os cursos têm regime de tempo intensivo, e são ministrados por Professores do Cecine e convidados: Prof. André Furtado, PhD em Genética da Evolução, na França, Aymar Soriano, coordenador executivo dos cursos e Roberto Kramer, coordenador do setor de Química.

AJUDA DO CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS

No 4.º andar do prédio da Escola de Engenharia onde funciona o Instituto de Física da Universidade Federal de Pernambuco, nasce uma mentalidade nova e diferente em ensino e pesquisa. O movimento é bastante intenso. Um grupo de estudantes aborda um professor em manga de camisa e, com a informalidade de um simples bate papo, trocam idéias sobre um problema científico.

Um técnico em eletrônica transporta equipamentos científicos de um laboratório para outro. Uma aula termina, os estudantes dirigem-se à Biblioteca que em poucos meses, se tornou uma das mais completas do País na especialidade de *Física do Estado Sólido.*

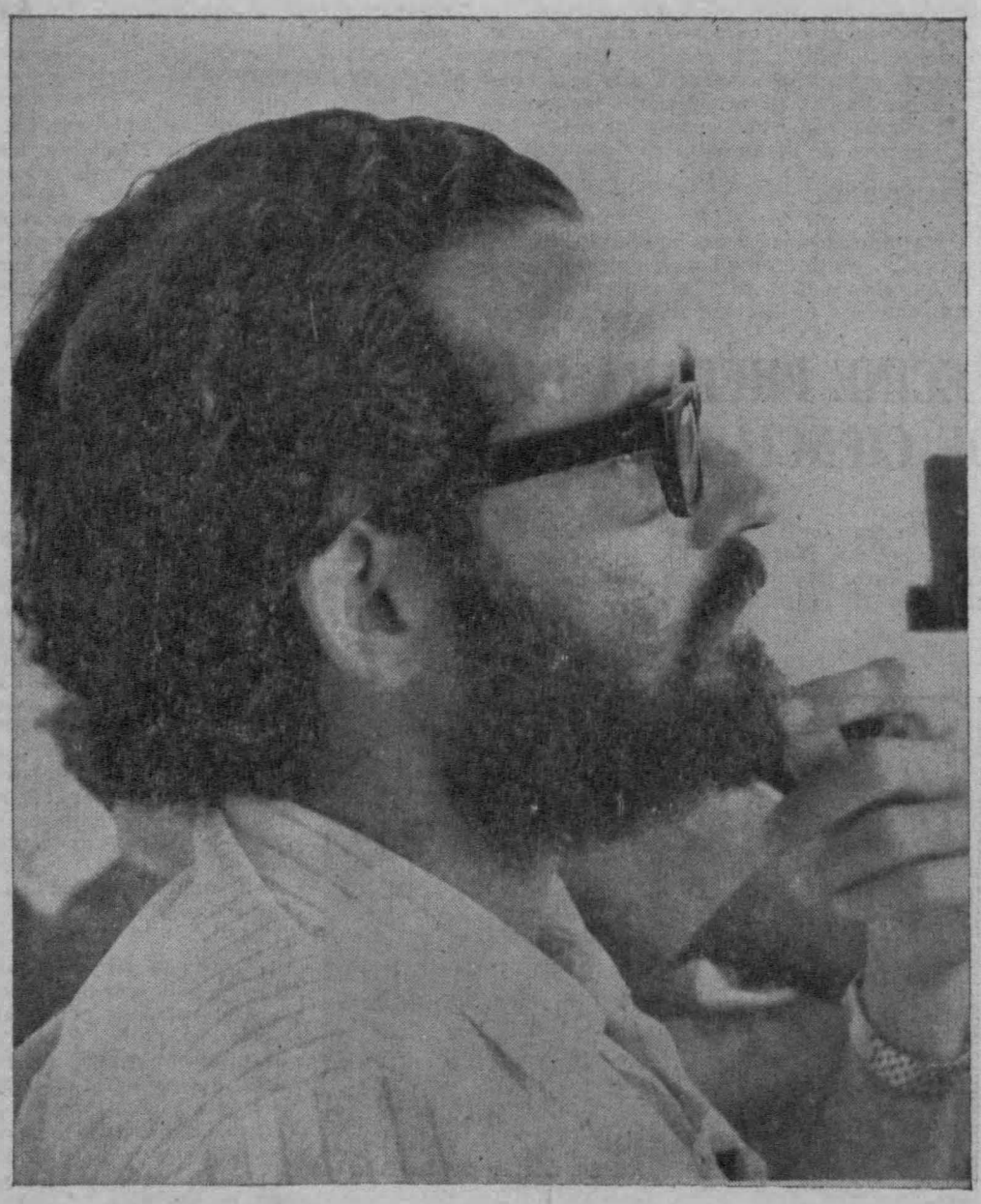
Em um laboratório para demonstrações, bolsistas de Física apresentam algumas experiências para um grupo atento de estudantes de Engenharia. Administradores, estudantes e pesquisadores trabalham em tempo integral, dando ao Instituto um aspecto inteiramente diferente do de alguns anos atrás.

Apesar de grande, esta mudança ocorreu rapidamente. Tudo começou há 3 anos, quando um grupo de 5 engenheiros eletrônicos, que trabalhavam no Instituto, foram para o Sul com o objetivo de aprofundar-se na investigação científica no campo da Física, incentivados, na época, pelos Profs. Rômulo Maciel e José de Medeiros Machado, atuais Vice-Reitor e Diretor do Instituto de Física da U. F.Pe., respectivamente.

Todavia, esta não era a primeira vez que pernambucanos procuravam centros mais desenvolvidos. No passado, vários pernambucanos foram para o Sul e para o exterior e projetaram-se internacionalmente na Física, apenas não voltaram para Recife. Alguns deles são conhecidos mundialmente, como o Prof. José Leite Lopes, da Universidade de Paris, o Prof. Samuel Macdowell, da Universidade de Yale, o Prof. Ricardo Palmeira da NASA, o Prof. Mario Shemberg atualmente da Universidade de São Paulo, o Prof. Fernando Souza Barros, que acaba de vir de Pittsburg para a Universidade Federal do Rio de Janeiro, sem falar em outros nomes.

Quando estavam em vias de concluir seus programas de Mestrado em Física, os cinco jovens pesquisadores, juntamente com o Prof. Rômulo Maciel, na época Diretor do Instituto, procuraram o Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) no Rio de Janeiro. Expuseram suas idéias de retornar à UFPe. e solicitaram que lhes fossem dadas condições de prosseguir seus trabalhos aqui. Isto foi ao encontro dos planos do CNPq. Sendo o órgão central da política científica do País ele já via a necessidade de implantar um grande centro de Física no Nordeste.

O CNPq então elaborou as bases de um convênio que viria a ser o maior já feito pela UFPe. Ele daria condições de retorno aos cinco jovens promovendo vinda de cientistas mais experientes e meios para a montagem de laboratórios e biblioteca. O passo seguinte foi buscar entre pesquisadores brasileiros e estrangeiros um que viesse a ser o coordenador científico do programa. Para estudar a viabilidade do programa, o CNPq enviou a Recife seu assessor, Prof. Sergio Rezende. Este veio, viu, gostou, e resolveu ele mesmo coordenar a implantação do programa na UFPe.



Nova Realidade

O coordenador científico do programa, Prof. Rezende, é um carioca que passou vários anos nos Estados Unidos. Lá, ele obteve seus diplomas de MSc (Mestrado) e PhD (Doutoramento) no M.I.T. (Massachussetts Institute of Technology) considerado um dos maiores centros de pesquisa do mundo. De volta ao Brasil, dedicou-se integralmente à pesquisa e ao ensino na Universidade Católica do Rio, durante quatro anos. No ano passado, enquanto coordenava os trabalhos de implantação do convênio CNPq-UFPe., ocupou o cargo de Professor Titular no Instituto de Física da Universidade de Campinas. É autor de vários trabalhos científicos publicados em revistas internacionais. Atendendo convite, apresentou, em um congresso sôbre microondas, em Toulouse, na França, recentemente, seu primeiro trabalho como membro do corpo docente da UFPe.

OPINIÃO

Na opinião do Prof. Rezende, a nova realidade pode ser caracterizada pelo seguinte: há menos de setenta anos atrás, os físicos e os outros cientistas eram olhados com desconfiança. Chegavam a ser considerados um tanto desequilibrados, ficando até à margem da sociedade. De vez em quando, um deles virava um gênio para o público, por meio de alguma descoberta sensacional. Atualmente o trabalho de criação é feito por muitos físicos em equipe, e a pesquisa científica ocupa papel importante na economia dos grandes países. Isto porque ela é essencial para a engenharia e a pesquisa aplicada, que resultam diretamente na melhoria dos bens de consumo e utilização.

Há centenas de milhares de pesquisadores no mundo. Eles têm uma profissão como outra qualquer. Com o desenvolvimento industrial acelerado, o Brasil entra para a categoria dos países para os quais a pesquisa científica é absolutamente prioritária. Além de resultar na melhoria da tecnologia utilizada, ela permitirá resolver os problemas típicos do nosso país. Nosso grande problema em relação à pesquisa é a falta de pesquisadores qualificados em número suficiente para as necessidades. Os quadros universitários estão incompletos e as indústrias praticamente não têm pesquisadores. Por isso, o desenvolvimento da pesquisa nas universidades é importante para a formação de pesquisadores, e fundamental para manter em dia com o progresso os docentes que ficam nas universidades em tempo integral.

No Brasil, a nova realidade tem outras características interessantes. Com a crise econômica americana e a nossa expansão, a evasão de cientistas que ocorria anteriormente, começa a inverter seu sentido. Pesquisadores brasileiros que estavam no exterior estão voltando e muitos estrangeiros têm vindo para cá. Como exemplo citamos o caso do nosso programa em Física. Não havendo mais cientistas brasileiros dispostos a virem do Sul para Recife, anunciamos no ano passado duas vagas para estrangeiros. Recebemos em dois meses mais de trinta oferecimentos de candidatos do mais alto nível. Foi excelente para nós, pois pudemos selecionar os que melhores condições teriam de se adaptar ao programa. O primeiro é o Prof. C. S. Wang, da Universidade de Harvard, que chega nos próximos dias. O segundo, o Prof. Peter Staecker do M.I.T., deverá chegar dentro de um mês.

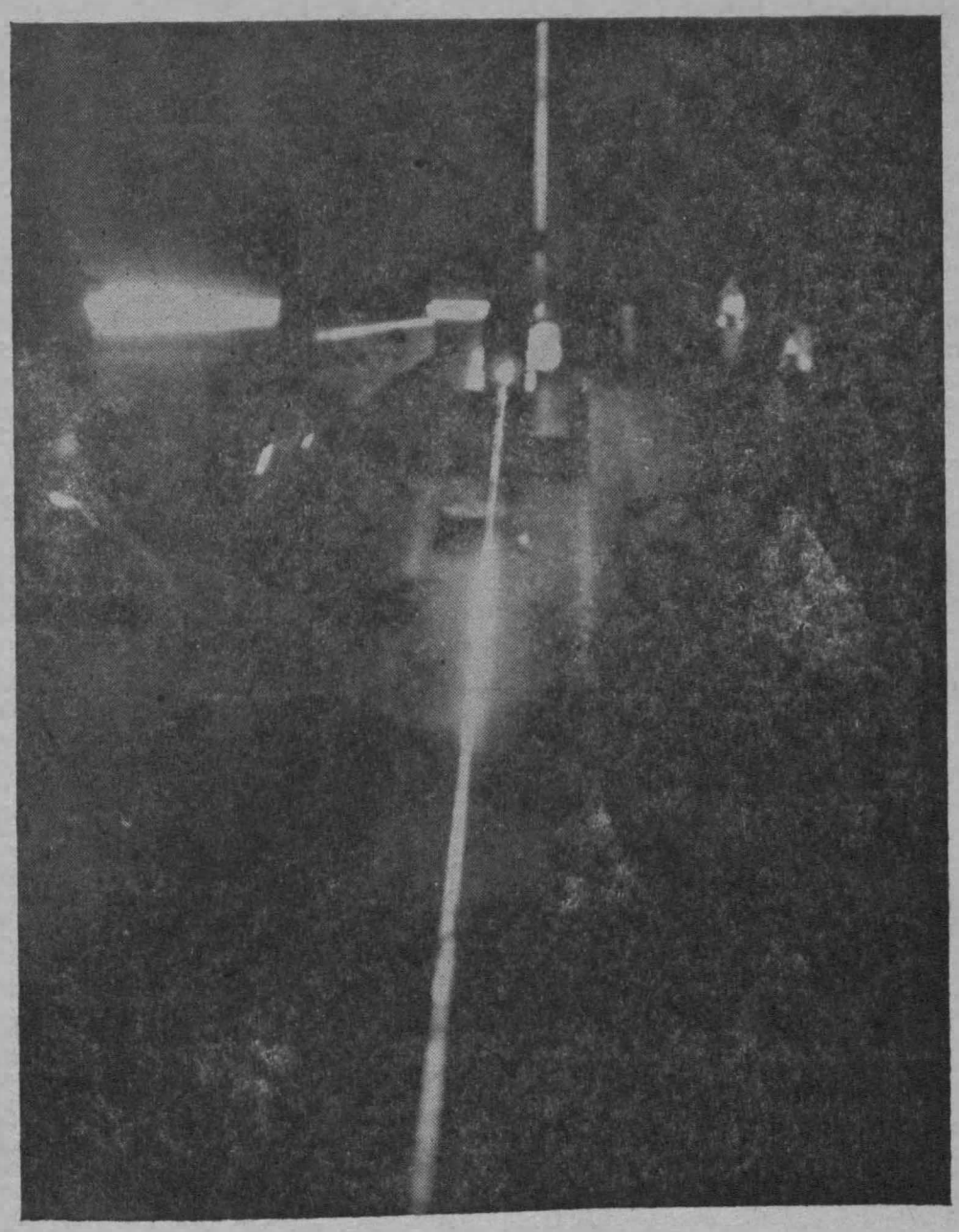
A Física do Estado Sólido

Os trabalhos de pesquisa do Instituto de Física estão sendo feitos na área de Física do Estado Sólido. Mais especificamente, a equipe de pesquisa está investigando propriedades óticas de sólidos através do uso do Laser.

Os Professores Cid Araújo e Edmundo Soares, responsáveis pela parte experimental do trabalho, são dois dos cinco cientistas que vieram no ano passado. Eles explicam o que é o Laser. O Laser, cujo nome é formado pelas iniciais das palavras inglesas "Light Amplification by Stimulated Emission of Radiation", nada mais é do que um aparelho que produz um raio de luz. A diferença entre a luz do Laser e a do Sol, por exemplo, é que a primeira é coerente, monocromática e direcional e pode ser facilmente controlada. A do Sol é policromática e incoerente. Existem Lasers com raios menos intensos que os de uma luz de vela, mas há outros cuja intensidade é tal que podem perfurar placas de metal ou atingirem a lua. Ambos são úteis. Além de utilizados em laboratórios de pesquisa, eles têm uma série de aplicações práticas. São usados em medicina por exemplo, na cauterização de tumores e em colamento de retinas. Um dos professores lembra que Tostão foi operado em Houston com um Laser. O princípio de funcionamento é o seguinte: o projetor possui átomos de material sólidos ou gasosos, que são excitados por corrente elétrica ou por luz. Através de espelhos especiais, conseguese aumentar muito a luz emitida pelos átomos, de modo que ela sai do aparelho na forma de um raio compacto e coerente.

Outro integrante do grupo de jovens cientistas, o Prof. Ivon Fittipaldi, fala sobre as pesquisas da equipe: Nosso interesse está voltado para propriedades óticas da matéria, de um modo geral. Em princípio, estamos voltados para pesquisa básica, ou pura, ou seja, aquela que não visa a aplicações práticas imediatamente. A razão da escolha é que nosso principal objetivo é a formação de pesquisadores, e a pesquisa básica é a mais adequada para isso. Entretanto, no caso de descobrirmos algum fenômeno que possa ter aplicação prática, não o desprezaremos. Tentaremos desenvolvê-lo em programas comuns com a Escola de Engenharia. Por exemplo, em nosso laboratório temos uma célula fotoelétrica que transforma energia luminosa do Sol diretamente em energia elétrica. Esta é suficiente para movimentar um micro-motor elétrico. A perfeita compreensão das propriedades elétricas e óticas do material de que é feito a célula permitirá, talvez, a fabricação de células muito mais eficientes. Já imaginou o que seria para o Nordeste se conseguíssemos converter a energia do Sol diretamente em elétrica eficientemente? Contudo, nunca devemos partir para pesquisa dita aplicada sem termos uma infraestrutura sólida em pesquisa básica.

Outros membros do grupo, Profs. Maurício Coutinho Filho e Marco Antônio Moura, entram na conversa e começam a falar sobre Física do Estado Sólido. Este é um dos três grandes ramos de pesquisa em Física. Os outros dois são a Física Nuclear e a das Partículas Elementares. A Física das Partículas preocupa-se com os mecanismos que governam as partículas subatômicas, como o próton, o elétron, o méson, e dezenas de outros. A Física Nuclear envolve os trabalhos de compreensão das estruturas dos núcleos atômicos. Finalmente, a do Estado Sólido procura entender e explicar as propriedades dos sólidos como um todo, sem preocupar-se com os detalhes das micropartículas. Este ramo é o que tem maior afinidade com as aplicações práticas, pois o nosso contato dia a dia se dá com a matéria como um todo, e não com suas partículas. Foi neste campo que foram feitas as maiores descobertas nos últimos anos e que vieram a ter aplicações industriais. Alguns exemplos são transistores, os circuitos integrados ou microcircuitos, os elementos de memória magnética dos computadores, os Lasers, e muitos outros.



A Pós-Graduação e as Perspectivas

As perspectivas para o desenvolvimento da Física na UFPe., e consequentemente para a ciência e a tecnologia em todo o Nordeste, são as melhores possíveis, comenta o Prof. Rezende. O apoio que estamos tendo dos administradores como o Diretor do Instituto, Professor José Machado, é total. O apoio financeiro e mesmo logístico do Conselho Nacional de Pesquisas durará alguns anos. Agora que a UFPe. passou a ser Centro Regional de Pós-Graduação, teremos apoio direto do MEC para implantação da pós-graduação.

Tendo cursos de pós-graduação e pesquisa estaremos habilitados a conseguir verbas do B. N.D.E., Ministério de Planejamento e CAPES, sem falar nos organismos regionais. De modo que nossa situação é invejável. Não tenho dúvidas sobre a capacidade do nosso pessoal. Agora mesmo soubemos que a revista Il Nuovo Cimento, considerada a melhor da Europa em Física, publicará um trabalho novo feito pelos Profs. Ivon Fittipaldi e Maurício Coutinho Filho. Com o pessoal e laboratórios que temos, conseguiremos atrair bons estudantes.

Afinal de contas, nos tempos atuais, ser pesquisador já não é desestimulante como em outras épocas. Os empregos são bons e a carreira fascinante, pois curiosidade científica é coisa que todo mundo tem. Uma boa prova disto é que o aluno primeiro colocado no vestibular da área tecnológica deste ano, escolheu Física em primeira opção. Outra é que alguns alunos da Engenharia, encontrando na Física sua real vocação, estão se transferindo para o Instituto.

APOIO

Lembraram que o apoio que vem sendo dispensado pelo Reitor, Vice-Reitor, Coordenador do Centro Regional de Pós-Graduação, e o Diretor do Instituto de Física, respectivamente, Professores Marcionilo Lins, Rômulo Maciel, Paulo Maciel e José Medeiros Machado, é decisivo para a consecução dos objetivos desejados dentro desse programa de pesquisa.

JORNAL UNIVERSITÁRIO

N.º 7 Recife — Março — 1972 Ano IV

Intriga

Conto de Amaro Farias

Chocalhar de bois no roçado. Todo o trabalho estava sendo destruido pelos animais. Certamente teria sido ordens da casa-grande. Que podiam fazer contra quem possuia dinheiro, rifles e capangas? Ai de quem contrariasse a sua vontade!

Bastiana acompanhara o marido para com ele sofrer as mesmas dores. Juntos calejaram as mãos. Juntos passaram fome. Juntos mascavam aquela desmoralização. Jurara ir um dia à Juazeiro e lá acender uma vela ao seu Padrinho e outra a Nossa Senhora. Nada ali era deles; o jeito era aceitar o que viesse da parte do coronel.

Ouviu alguém bater na porta e chamar o marido; não respondeu. Ficou a imaginar as piores coisas: ouvira muitas histórias de pessoas que foram assassinadas ao abrir uma porta. Chorou pensando numa desgraça que viesse a acontecer. Sabia que o marido sempre fora cumpridor dos seus deveres, mas...

O vento uivava mansamente na cumeeira da casa. Lembrara-se de quando ele lhe falara de uma viagem que pretendia fazer se tudo saisse bem. O badalar de um chocalho fazia-se ouvir seguido de outro badalar. Eram os animais: estavam acabando com o que haviam feito, sob o sol e a chuva.

Foi numa viagem de romeiros, cantando hinos, que começaram a se gostar. Acendiam velas aos pés da mesma cruz, quando um descobriu que amava o outro. Ainda guardava um rosário de lindas contas que naquele dia lhe fora ofertado. No escuro, procurou-o em cima do tamborete que servia de bidé; desfiou-o à meia voz, para que os santos o protegessem.

.....

Estava em paz consigo mesmo. Não fizera aquilo com o intuito de trair ou ferir ninguém, e sim para livrar-se das dívidas que possuia. A única maneira de sair com um pouco de respeito era ir embora...

Fez que ressonava. A mulher dormia. Ficara a pensar como seria o dia de amanhã. O bacamarte dormia em um canto do quarto; apalpou-o. Aquela arma, já alegrara muitas festas... Feitosa não pensava que naquele lugar houvesse um homem como Honorato. Se não fora ele, talvez não tivesse mais vinte e quatro horas de vida.

.....

A campina despertou com a saudação de vaqueiro madrugador aboiando distante: vacas mugiam, como se fora uma melancolica resposta ao aboio. Saiu a juntar pregos enferrujados, cacos de vidro e cascalho no terreiro; encheu a boca do guloso com a vaqueta e acomodou toda a encomenda no seu estômago. Além da desmoralização, aquela noticia... Um, ou outro. Que fosse o outro! Era o destino. Aquilo deveria estar no livro onde Deus escrevia. Se o coronel mandara o recado, desculpasse; o mesmo não fora dado. Não era queijo, rapadura ou mel de abelha: era homem puxador de brasa para sua sardinha.

Faltava pouco para o outro chegar e ocupar o posto. Pisando nas pedras, que não gravavam rastros, saiu pela corcunda do lajedo. O pé de avoador serviu de tocaia. Ouviu passos. O coração de Feitosa transformou-se num peso: seu sangue gelou, seu rosto contraiu-se, suas mãos tremeram sobre a arma.

O homem subiu a rampa que ia dar no caminho e ficou deitado na posição de atirar, saboreando, de antemão, a sua morte. Feitosa riu por dentro e resolveu fazer como fazia com os bichos que se amoitavam no mato rasteiro. Apanhou um seixo que deixou rolar de onde estava. O capanga estremeceu e virou-se de arma pronta para atirar, quando o bacamarte vomitou as miudezas do seu estômago. O desgraçado, com o rosto tristemente deformado, estava nos últimos estertores! Uma frieza fina e medrosa fez-lhe estremecer repugnado diante do quadro. Duas lagrimas remorsadas e tardias desceram-lhe pela face. O caçador fora caçado pela caça.

Dois Poemas de Lycio Neves

O CARROCEL

Eis como ficou
Já construído
O carrocel

Suspensos
Num grito lento
Alguns meninos

Parecem anjos
Nos seus cavalos
Ligados ao teto
Por verticais

CANTO PRIMEIRO

Quando
Eu me transformar
No mistério
Absoluto
Da eternidade,
Ficarei no silêncio
Feito palavra
E submissão.

Serei apenas
Acontecimento
Inutilidade
E sombra.

Arte & Tempo

ÂNGELO MONTEIRO

Entre todos os valores a Beleza
parece ser, por natureza, o mais desafiador. Todos os homens a veneram, consciente ou inconscientemente; e o que buscamos, sob diferentes aparências e circunstâncias, na religião como na filosofia, na arte como na vida, é a Beleza. E a Poesia interpreta e encarna, como nenhuma outra expressão artística, esse tremendo e devorador anseio de Beleza que, ao mesmo tempo, consome e maravilha os homens.

E de uma vez que todos somos
constantemente desafiados, pela violência da Vida e pela Beleza, ninguém poderá, ainda que o queira, fugir a esse desafio. Cabendo à Poesia a missão de ajudar-nos a compreendê-lo e aceitá-lo se quisermos atingir nossa própria redenção. Pois não há outra forma de redenção a não ser esta que, através da angústia, nos arrasta a esse ato comum de desnudamento universal, quando pela Poesia a nossa alma se despe diante de outra, em todo o espetáculo de sua trágica e maravilhosa nudez. sua trágica e maravilhosa nudez. Por isso pretendemos, como intérpretes fiéis da Poesia, e mediadores entre ela e a Vida, levar os outros a amá-la e glorificá-la.

Pois se o homem ama o que co-
[nhece,
amará muito mais aquilo que ig-
[nora.
E a Poesia é a grande Ignorada:
por isso jamais se esgota o seu sor-
[tilégio.
Ignorantes e perplexos estamos no
[rumo de suas moradas,
e os deuses abriram clareiras nas
[selvas agoniadas do nosso coração.
Porque a Poesia só morreu pa-
[ra os que morreram para ela;
para os que não tinham força sufi-
[ciente para aceitar o seu desafio;
e, por isso, tudo em torno lhes mor-
[reu.
A Poesia, entretanto, está bem
[viva:
para os que acreditam no poder da
[linguagem;
para os que têm a soberana intui-
[ção de compreender
que toda linguagem esconde uma
[revelação,
e de que a revelação de todas as coi-
[sas se faz
pela Palavra.

Pois a Palavra, diz-nos o Vidente de
[Patmos, se fez carne
e habitou entre nós.
Sem ela não há linguagem, nem
[comunicação, nem desafio.
A Palavra sai da boca humana, co-
[mo o mistério da esfinge,
e como o fogo sai do dragão, para
[enfeitiçar, sangrar e
envenenar o mundo.

A Palavra dita é a Palavra salva:
[por isso falamos.
Retiramos a Palavra de seus láb os
[e a proclamamos.
E ela se faz sol e ilumina os homens.
Para isto fomos marcados:
para o canto, a expectação e o lou-
[vor.

BREVE REFERÊNCIA AO "NASCIMENTO", À "EVOLUÇÃO" E AO "EQUILÍBRIO" NA MADEIRA E NA MÃO DE MACÁRIO (TRECO).

Emergindo da forte impressão deixada pelo trabalho de um artista de gênio — NÊGO — Macário enveredou com largueza pelos temas ligados ao misticismo e à biologia, como manifestação sincrética do que sabe e do que sente.

Organicamente impressos estão os seus "Cristos", crucificados, céticos, esquálidos e harmônicos. Em aglutinada harmonia estão também seus símbolos, extraídos das igrejas, das cidades do interior e dos terreiros e consagrados ao vivo pelo povo.

Os seus últimos trabalhos incluem uma trilogia onde Macário entalhou, objetivamente, Fases Vitais, tomadas no seu ângulo de interpretação científica e sublimadas pelo escopo de um impulso criador. É o conflito de sobrevivencia das espécies e das raças, de lutas em cuja trajetória ganham peso os fenômenos de adaptação — as custas de seiva e sangue e onde dominam a sabedoria e o mistério da evolução.

Além do instrumental comumente utilizado — acrescido de um bisturi, numa analogia à dessecção do cadáver — Macário realiza aparições de fornidos relevos, que ele, conscientemente, preferiu não expor ainda às erosões do consumo.

Ficam à margem as especulações relativas à validade ou não-validade de sua arte: e daqui se despencam, sobre as telas de zinco e de borracha, os blocos do seu labirinto compreensível, e também por isto original. (F.A.S.L.).

As fotos acima são dois exemplos dos últimso trabalhos em madeira do estudante Macário José Bezerra de Brito. Escondendo-se sob o suspeito pseudônimo de Treco, Macário consegue, como se pode em parte induzir pelas mesmas, compor um painel bonito e estranho, posto que completamente coordenável em termos de ecologia, isto sem falar nos bons resultados de suas fases anteriores, em que o regional, o apocalíptico, o surrealista estão presentes. — Macário estuda Medicina em Recife (3º ano), mas, por ser do Crato, é de lá que herda e foi lá que iniciou e estendeu essa incursão pela madeira.

5 Romances 3 dos Quais Debaixo De um Túnel

Romances de Francisco Assis de Sousa Lima

Co-Ra-Col era um gigante de sete pernas cuja grande sabedoria era colocar olhos em órbita. Pretendia traçar no céu trajetórias de retinas matizadas e implantar centrais de visão, que ele estranhamente ligava a fios telepáticos convergindo para seu cérebro. Uma bela criança de olhos roxos era para o indecente Co-Ra-Col um estímulo a incríveis artifícios de lançagem visual pros sidérios, sob a rota dos seus rituais e manhas. Sobre suas patas: eram largas, como as unhas, de esmalte gelatinoso e inconteste melodramaticidade. Dedos esfiapados como medusas de cuja substância foram moldados seus olhos, que também giravam em órbitas. Seus olhos eram tatuados. Os meus, foram para ele duas pipas cinzentas dançando ao léu do azul céu do meu Brasil.

A porta chegou diante de mim e bateu: pá, pá, pá. Uma mão girou-me a chave e dentro uma fechadura fez cro-crec e se abriu. A porta penetrou nos meus aposentos e sentou: havia uma almofada líquida e rósea lá pros lados do coração.

A lente está orientada para as quatro moças no quintal. O olho, do lado de cá da lente, percebe os movimentos, mais do que nunca alheios, ou alheios como sempre. A conversa gira em torno de qualquer banalidade doméstica, mas a distância auditiva remove a fatuidade do fato. Realmente espanta. São gestos e palavras de inusitada ausência, de inodora dor. As quatro moças no quintal estão despidas para o olho do lado de cá da lente. Mas suas teias e vestimentas pesam em cima dos seus móveis e esquemáticos esqueletos, e há babados se confundindo entre si, naquela busca feia ou triste de contaminação.

Spetaph foi o nome plástico que tomou em minha boca o gosto de celulóide. Primeiro como forma de calunga, róseo-claro, e que veio se desmanchando na boca como os caramelos. Segundo, como uma dor infantil à espera do amanhecer da tarde. Spetaph comeu depois um osso que me espetou a garganta antes e depois de qualquer amanhecer.

A praça é uma cidade estreita de becos, e um alto-falante joga notas de um sacro sentimentalismo, evaporado dos cafés-com-leite e do pão torrado, ou da missa matinal cantada, aos sábados de uma dominical quarta-feira. Coisa chorosa derramando-se num sanduiche langoroso, debaixo das pálpebras. Praça num beco debaixo das pálpebras.